



A PILHERIA

ANNO VIII.

RECIFE, 8 DE JANEIRO DE 1927.

NUM. 276.

Mamãe

A CREADAGEM, as compras, os "rapazes," as visitas! Quantas coisas, Deus meu, quantas coisas a attender! Naturalmente ha dias em que a pobre Mamãe se irrita, fica nervosa e acaba com uma tremenda dôr de cabeça e moleza em todo o corpo. Com que anciedade recorre ella então á

CAFIASPIRINA

Dois comprimidos, um copo d'agua e eil-a de novo, Mamãe tão bem disposta, risonha e activa como de costume.

E para os pequenos quando estão com dôr de dentes e de ouvido, para o papae quando trabalhou demasiado, para a vóvósinha quando a afflige o rheumatismo, para toda a familia, em summa, *Cafiaspirina* significa allivio, bem estar e alegria.

E' tambem o ideal para as nevralgias, as enxaquecas, as consequencias do trabalho mental excessivo, os abusos alcoolicos, etc. Não affecta o coração nem os rins.



Não accete comprimidos avulsos. Peça o tubo com 20 comprimidos, ou o envelope "CAFIASPIRINA" com dois, ou então o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

COMENTARIOS

OS NOMES DOS OUTROS

Não sabemos si, nas outras cidades do paiz, os automoveis são baptisados. Sabemos, entretanto, e de sciencia propria, que os autos, em Recife, pouco a pouco vão recebendo nomes pomposos e retumbantes.

Roda por exemplo, pela cidade, o auto *Ba-ta-clan*. E' um nome moderno, e que nos traz saudades das mulheres quase nuas da *Madame Rasi-mil*. E o dono do *Ba-ta-clan*, sem idéas reservadas, está prestando uma linda homenagem áquellas creaturas — anjos e demonios — que, durante uma quinzena de setembro do anno que se foi, glorificaram energias moças, fazendo despertar, ao mesmo tempo, energias adormecidas.

Hony soit qui mal y pense!...

Passa, por nós, de vez em quando, o *Flirt*.

E' um *Essex*, si não nos falha a memoria.

O nome é doce, macio, harmonioso. E muito proprio para um automovel...

O automovel veio ao mundo para encurtar as distancias, para atropellar os transeuntes, e para... (como diremos?) para nos proporcionar ao cair das tardes, nessas longas avenidas, a delicia do flirt...

Não ha nome melhor para



um automovel.

De vez em quando vemos o *Jahu*. O *Voador* já tem passado, muitas vezes, ao nosso lado.

O auto do sr. dr. Sub-secundador dos Peitos da Fazenda também é baptisado.

Chama-se *Amaro*, que é o nome do dono.

E esse nome amargo, ás vezes, é muito doce...

Outros autos já foram levados á pia baptismal.

Conhecemos o *Mimoso*, que, apesar do nome, certa manhã, ia nos colhendo nas rodas, em plena rua Nova.

Conhecemos também o *Sagres*. O dono, já se vê, é um authentic portuguez. E' a nostalgia dolorosa no nostalgico da batalha...

Ha tres ou quatro dias vimos o *Washington*.

E si ha o *Washington*, o *Cruzeiro* vem em caminho. Será fatal.

E outros de qua não nos lembramos, agora, nessa clara manhã de janeiro, quando bordamos, sem pretensões e sem vaidades os primeiros comentarios do anno novo.

Louvemos a idéa original do baptismo dos automoveis. E louvemos porque a idéa é vigorosamente pernambucana.

E si é pernambucana, nós a aceitamos de bom grado, com entusiasmo, e a proclamaremos por toda a parte, até que a vejamos victoriosa.

Aconselhamos, entretanto, bom senso na escolha desses nomes.

O *succo*, o *Vae quebrar*, á bessa e outras expressões que nasceram nas camadas inferiores da sociedade, não deverão ser aproveitadas.

Ha os nomes dos heroes, ha os nomes historicos, ha as datas nacionaes, ha as palavras doces e felizes da lingua portugueza, que serviram, perfeitamente, para o baptismo dos carros.

Sejamos intelligentes. Mesmo nas pequeninas cousas. Tenhamos antes de tudo, a preocupação do bom senso e da distincção. A belleza moral de um povo está na fidelidade e na nobreza de sua linguagem.



A HEROINA DO CONTO

Confesso que até então não havia reparado nella. Tomava o bonde alguns quarteirões adiante, sentava-se em qualquer banco e mergulhava na sua leitura, enquanto eu ia engolfado na leitura do meu jornal, da minha revista ou do meu livro. Tiramos a nossa frente dez quilômetros e uma hora de viagem, e, sem uma revista na mão, aquillo se fazia interminável.

Naquella manhã, ella subiu ao vehiculo como de costume. Vi-a de soslaio, apenas. Eu ia pela metade de um conto, de um conto de amor, para maior clareza.

Era um desses typos neutros de mulher, nem alta nem baixa, nem magra nem gorda. Em summa: uma mulher que, positivamente, não despertaria interesse, nem mesmo quando fosse acompanhada cu a gente a viesse nos braços de outro... Os leitores me entendem, não é assim?

Entrementes, ouvi soar, junto ao meu ouvido esquerdo:

— Com sua licença, cavalheiro!

Era para sentar-se a meu lado. Ignoro si havia no bonde outros lugares desocupados. Como lhes disse, aquella mulher não valia uma averiguação. Afastei-me um pouco e ella se sentou onde queria. Abriu sua revista, e eu continuei minha interrompida leitura.

Esta era, porém, verdadeiramente insipida. Alguns metros adiante, fechei a revista com ar de enfado.

— Perfeitamente idiota, não?

Voltei-me rapidamente. Não havia duvida: era ella quem tinha falado. Estava a olhar-me com olhos risonhos.

— Seio-o eu! — ajuntou.

Em verdade, a cousa me havia tomado de surpresa. Não é frequente que a visinha de assento se encarregue de interpretar o pensamento de alguém. Deixei que ella lésse o meu, e juro como a qualquer um dos leitores teria occorrido o mesmo.

— E' seu? — perguntei, por fim, para quebrar o silencio.

— Não — respondeu-me, sorrindo. Não sou a autora desse conto, mas a victima.

Sou a protagonista.

Não podia ser. Olheia-a, admirado e incredulo. Onde estavam a "farta cabelleira negra", os "olhos garços", as "tindas pestanas retorcidas", enfim, todos os primores da heroína do meu conto?

Mas, havia, além de tudo, uma impossibilidade moral.

— Como — perguntei — a senhora abandonou seu lar, quiz suicidar-se, e, por ultimo...?

— Não, senhor — interrompeu, com uma gargalhada. — Que disparate! Eu sou a protagonista desse conto, simplesmente porque o sou de todos os que se escrevem no Rio de Janeiro. Todo o mundo aqui faz contos. Como si fazer contos fosse a cousa mais facil deste mundo!... O senhor tambem hade escrever os seus, não?

A pergunta era aggressiva. Respondi, um pouco avergonhado, que, effectivamente, tinha alguns na minha consciencia. E, para justificar-me, acrescentei:

— A verdade é que tambem m'os publicam, o que não deixa de ser, até certo ponto, uma compensação.

— Não vê? — exclamou ella, triumphante. — E todos se occupam de mim, como si não houvesse outro thema no mundo!... Bem está vendo que sou digna do compaixão!

Calou-se um instante, com um abatimento comico.

— Não, o senhor nunca poderá imaginar o que é este penoso officio de protagonista. Eu sou uma rapariga como todas: nem melhor nem peor que as outras. Levo uma vida tranquilla e relativamente feliz. Por que, então, os escriptores de contos implicaram commigo e se empenham em atormentar-me de mil formas, fazendo-me commetter horrores que nunca me passaram pela imaginação?

A moça dizia isso quasi a chorar. Eu aproveitei essa emoção para observal-a com mais attenção. Pela vulgaridade do contorno e o impreciso das linhas, parecia uma dessas photographias superpostas.

A conversação tomava um rumo desagradavel, e eu tratei de desvial-a.

— Imagine como os trilhos se empenham em passar debaixo do bonde. Si não fosse assim, que seria de nós?

Ella, porém, não me attendeu. Proseguiu:

— Seria curioso fazer uma estatistica de todas as aventuras que diariamente me fazem praticar. Não ha dia em que não appareça passeando ao longo de uma alameda que se desfolha silenciosamente na bruma dourada do outomno, enquanto em mihas olheiras llazes brillham as lagrimas produzidas pela leitura da ultima carta de meu amado... Senhor, que alluvião de loucuras! Como si aqui houvesse alamedas, e brumas douradas no outomno, que, afinal, é a época mais clara e alegre do anno, e houvesse, tambem, meninas que passeiam por ellas com cartas do namorado!

— E' verdade — concordei. Que mais tinha a dizer?

— E nem falemos nas cartas de amor! Verdadeiros compendios do mau gosto, nos quaes não falta um só logar commum... Mas será que vocês nunca escreveram uma carta de amor?

— Como nós?

— Sim vocês, os fabricantes de contos... Vocês acabarão abrindo escola. A infeliz leitora acabará julgando que, para se dirigir ao novo, é necessario usar esse ubraseado banal que vocês inventam: "Meu nobre coração ferido", "minha juventude truncada", etc.

Eu insinuei um sorriso forçado, mas a verdade é que tinha os meus remorsos.

— Outro absurdo — continuou ella — são as minhas mortes. Não sei si saberá que eu morro pelo menos uma duzia de vezes por semana. Não falta quem me arrote pelo precipicio, ou me atire a agua numa fria madrugada de inverno... E' claro que o papel aguenta tudo, e nessas occasiões ha de apparecer sempre um joren alto, de olhos negros e bella cabelleira de poeta, herdeiro de respeitavel fortuna, e que, casualmente, passava por ali. Mas o senhor me desculpe o estar aborrecendo-o com esses detalhes ridiculos das minhas ridiculas aventuras. Si fosse só isso, senhor,

creia-me, eu não me lastimaria. Mas, são ainda os horrores nos quaes me mettem, sob pretexto de cor local ou de fidelidade realista. Isto é o que mais me indigna! Quizerá que o senhor escrevesse bem claro que eu sou uma mulher honesta. Pelo menos, geralmente, honesta e simples. No entanto, para todo um severo literario, minha vida se desenvolve mathematicamente, como a natação, em seis tempos: 1.º) o "mal passo"; 2.º) o abandono; 3.º) o "cabaret"; 4.º) primeira sahida do "cabaret" nos braços do homem bom; 5.º) aborrecimento e volta ao "cabaret" e ao homem máo; 6.º) e ultimo, morte no hospital. Que me enforcem si não se reunir um milhar de contos, novelas, obras de theatro, etc., etc., que não estejam calçadas nesse cliché.

Eu, francamente, não sabia o que pensar. Devia ter um ar perplexo, porque ella exclamou:

—O senhor me parece um moço discreto. Está em tempo ainda. Não escreva mais contos, e, sobretudo, me deixe em paz, de uma vez por todas. Ha tantas cousas para fazer neste paiz...

—Obrigado pelo conselho — murmurei, não muito cortez.

—E si, por desgraça, a penna o tentar muito, — ajuntou ella — saia á rua a observar, a ver e ouvir, e descreva a vida moderna, tão intensa, tão multipla, a multidão que nos cerca, tudo o que palpita em torno de nós.

Ella se exaltava, visivelmente. Algumas pessoas começavam a nos observar, espantadas. Um senhor de bigode exuberante, que ia alguns bancos na frente, julgando que eu incommodava a minha vizinha, me fuzilava com os olhos.

Mercurio Colloidal Néo-sorosol

Instituto Biotherapico de Bello Horizonte

Conselho tecnico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques Lisboa e Carneiro Felipe

Director Gerente: — A. Libanio, Pharmaceutico Ismael Libanio

A illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- O NEO-SOROSOL não contem analgesico e é absolutamente incolor;
- O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg.) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- O NEO-SOROSOL é um preparado cujo colloide se mantém absolutamente estavel, por isso nenhuma necessidade ha de agitar as ampolas;
- O NEO-SOROSOL não se altera tendo sempre em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos.
- O NEO-SOROSOL é 10 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidaes congeneres, nacionaes ou estrangeiros;
- Pela sua forte concentração, sob forma de finissima granulação ultramicroscopica, goza o NEO-SOROSOL sulfio-mercurio de extraordinaria acção therapeutica no moderno tratamento da syphilis, em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios, geraes para todo o Brasil

ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 328 — Tel. 74 — Bello Horizonte — Minas
O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarias, farmacias e casas de cirurgia.

—Prometto-lhe fazer tudo o que queira — disse-lhe, em voz baixa; — mas peço-lhe que não arme escandalo.

—Prometta-me então, escrever um bom artigo, claro, forte, profundo. Faça seus

todos os meus protestos. Observe essas operariuzinhas: todas vão lendo, nos bondes, as minhas suppostas aventuras. Acha que alguma coisa util e boa pôde dar essa semente? Não vê que com

Casa Couceiro

Os mais lindos artigos para presentes
V. Exc. encontrará neste conhecido e afreguezado estabelecimento.

Rua Barão da Victoria, 247

tal leitura ellas têm uma pessima idéa da vida? Precisamente ellas que não estão em condições de comprovar a mentira de tudo quanto lêem?

Tinhamos, porém, chegado ao fim da viagem.

Já na rua, ao se despedir, ella me estendeu a mão enluvada e, mais uma vez, me recommendou:

—O senhor não se esqueça de que deve escrever tudo isso, ouviu? Creio que, afinal, encontrei uma pessoa que comprehende.

Houve um silencio demorado.

—Sim — disse eu, por fim, hesitante. — Um artigo talvez não, mas, talvez, algo... algo que já fiz outras vezes: um... um...

—Que? Um conto? — gritou. — E eu que havia confiado no senhor! Vá para o inferno, miseravel!

Fez um gesto de indignação. Afastou-se rapidamente e se perdeu no meio da multidão.

M. C.

Um heroe

(Quasi authentica).

Meio dia. Sol a pino.

Madame é nervosa, irascivel. Sae. Sua physionomia não revelava precisamente uma philosopha, nem tampouco madame levava ao sol uma lanterna accesa. Quem a visse, porém, não se enganava: madame procurava um homem!...

Sepharim não a viu.

A emoção, a colera dominavam-a, sacodiam-a, e a mão, por seu turno, agitava, sacodia um respeitavel paraguas.

Em dois annos de casada madame possuia no seu esposo infidelissimo o attestado consciante da canalhice e da libertinagem, e desle a vespera não lhe apparecia em casa, onde um telephonema anonymo e indiscreto lhe annunciava conspiratoriamente que o encontraria almoçando em companhia de uma francezinha na rotisserie tal. Madame buscava-o, portanto.

Na porta do restaurante, porém, é o Sepharim que se derrete aos olhos de uma gracieu-

se, com o seu terninho "ultimo talho" que madame suppõe, logo, conhecer profundamente: Sepharim estava num de seus dias de amargura!...

Madame não investigou mais, e sem outros preambulos, ataca-o pelo flanco trazeiro, desanca-o a guarda-chuva! Quando descobriu o engano, Sepharim era uma lastima! O engano commoveu-a: "Oh! perdõe, perdõe-me! confundi-o com o meu marido! Queira perdôar-me, perdôar-me!... O Sepharim, entretanto, era um destes conquistadores inveterados que se não desconcertam com uma simples surra, e mal se compuzera, de chapéo na mão e assumindo um ar classico de alambicamento, lastimou a infelicidade conjugal de madame: "E'. Foi pena enganar-se. Deve desprezar-o, deve vingar-se! O seu marido é um infiel, um idiota, alheio á sua graça, ao brilho inconfundivel de seu encanto!"

Madame mal o ouvia, e apenas, envergonhada, lhe repetia que a perdoasse, que a perdoasse; que o seu marido era um mau, era um mau! Quando o Sepharim animado arriscou: "E' um mau., é um per-

verso! Não o podpe! Pena de Talião, com elle! de Talião!... E é justo. Eu já o substitui, na surra, e, não obstante, sinto que a... amo! Eu a amo! Substituiria de outra forma... Era natural, natural..."

Desta vez não houve engano nenhum: o Sepharim apanhou como um heroe!

Irgontão.

PERFIL DE AUGUSTO RODRIGUES FILHO

Quem não conhecerá esse interessante e sympathico garotinho?

Extremamente delicado, tez alva, olhos vivos irrequietos e cabellos castanhos claros bem estirados.

E' muito criança ainda, com ta apenas 12 á 13 rissonhas primaveras cheias de rosas sem espinhos.

Augustinho, é o seu apellido de familia; e, eu mesma, não sendo da familia, chamo-lhe docemente Augustinho.

E' applicado alumno do Gymnasio do Recife, onde é bastante estimado por seus mestres e colleguinhas.

Augustinho tem muitas amiguinhas, e entre essas está a

Moreninha. Triste.



ONEA

Recoloração dos cabellos pela

ONEA

Novo producto sem nitrato de prata

DEPOSITARIOS:

Manuel & C.

B. R da Victoria
N. 203

CONTO SEMANAL

ORAS PIPOCAS!

A viagem a cavallo no sertão das Alagoas fôra penosa; e o capitão Luis Paulo vinha esbaforido de calor e com muita sede.

Cinco horas marcava o relógio de bolso.

No terreiro brincavam dois pequerruchos a meio corpo nús, quando ao mais taludo se dirigiu o cavalleiro:

—Dá-me um copo d'agua, menino?

—Não tenho agua, não...

—Não me amola, criança.

—O sinhô não é faca, p'ra en amolar!

—Ora! já se viu!? Dá-me um copo d'agua, que estou com sede.

—O sinhô não quer acreditar? Não tenho agua em casa, não!

—Então na tua casa não se bebe agua?

—Bebe-se, sim, sinhô.

—E por que não a tens?

—Porque a vovó levou o pote p'ra fonte. Ah! está...

—E a fonte é longe?

—Não, sinhô, é ali, concluiu o pequerrucho, esticando o labio inferior.

—Então não deve ella demorar, não é?

—Demora, sim, porque foi lavar tambem roupa.

Já meio amolado com as indagações do homem, indagou o pequeno pela sua vez:

—Gosta de garapa?

—Gosto, sim, e muito.

—Quer beber garapa?

—Oh! meu santo, quero!

Desappareceu o menino, e trouxe em seguida uma cula cheia do sumo da canna, que o pobre viajante bebeu com satisfação indescriptivel.

—Quer mais?

—Nunca bebi garapa tão boa! Tens mais, meu bom amiguinho?

—Lá dentro temos uma lata cheia.

—Aceito.

De subito tornou o pequerrucho a desapparecer, e voltou em seguida com a cula a transbordar.

O viajante entornara-a em poucos tragos.

—E o sinhô quer mais?

—Não, meu nêgo. Pode tua vovó irritar-se contigo, por estares dando-a sem ordem della.

—Não se incomoda, não!...

—Por que se não ha de incomodar, si é ella pobre, e si ha de essa guarapa fazer-lhe falta?

—E': porém ella não quer a garapa, não!

—Por que?

—Porque estava um rato morto dentro da lata!

O homem, que tinha máo estomago, vomitou o sumo da canna.

Ralhara com o menino, quando chegara inesperadamente a velhinha. Esta reconheceu o capitão Luis Paulo, e offereceu-lhe pousou, accrescentando, não ter cousa alguma para o hospede jantar.

—Nem ao menos uma gallinha? Inquiria este, impaciente.

—A que tinha, matel hontem para um senhor que pousou aqui.

—Ovos, então...

—Os que tinha, com! hoje por falta de outro allimento.

—Está ruim este negocio, está! Não pôde fazer pirão escaldado? E' só para matar a fome.

—Não ha farinha. Em casa não tenho nada, nada que se coma. Estou passada de vergonha, porque parece incrível, mas é verdade! Si adivinhasse, eu não mataria hontem a minha gallinha! Ah! si adivinhasse!...

—Está bem, filha. Seja feita a vontade de Deus. Que hei de fazer, si não me resignar!?

Effectivamente, estava resignado, e já se havia deitado numa rede, para se entregar a justa soneca, quando veio a velha interrompê-la.

—Senhor capitão! O' senhor capitão!

—Que ha? perguntara este um tanto enfadado.

—Gosta vossa senhoria de pipocas?

Na boa esperanza de, ao menos, consolar o estomago, criou alma nova!

—Pois não, filha; gosto muito.

E retorquiu-lhe a velha tristemente:

—Que pena! Si tivesse milho, iria eu fazer uma pipocas para o senhor capitão!

—E o capitão amolado é solemne!

—Ora pipocas!

PROPAGANDA PELA MA' LINGUA

Foi em Pariz, pelas alturas do anno de 19. Estava em moda a propaganda do Brasil na Europa e o dinheiro que Martinho economisara sacrificando a sua popularidade, como a de Campos Salles, corria em canal pelos boulevards, cafés elegantes e cabarets de Montmartre.

Uma tarde encontro ao Bois, armado de Kodaak, muito chibante e rozeo o Castro Moura que apenas iniciava o seu commercio de livraria hoje em plena prosperidade.

— Por aqui! ha muito tempo?

— Não, ha dias. Ainda estou muito belludo... Só hoje vim conhecer o Bois...

— Um bom dia: ha hoje corridas em Longchamp; e o Moura já vâqueano em Pariz, tomou-me pelo braço e lá fomos a conversar do Rio pelas áreas que uma deliciosa pri-



mavera emoldurava de flores.

Ao passarmos pelo café de Madrid, de um grupo de rapazes alegres e bem postos vozes chamaram o Moura.

— Amigos? indaguei.

— Conhecidos; gente do Rio. Aproximamo-nos.

— Conhecem-se?

Não nos conheciamos. Feitas as apresentações regulamentares abancamos e vieram bocks louros.

A palestra foi o Brasil e mais especialmente o Rio. Como houvesse na roda dois parisienses, jornalistas, falamos francez, o que era perfeitamente bem.

Um dos nossos patricios pediu noticias da politica; e verdade que recebia jornaes mas

não os lia. Para que? para ler vergonheiras, misérias, infâmias...

Foi a deixa; os outros concordaram e, a proposito de politica, citaram factos de fazer corar um monte de cal.

Mas não é só a politica, e tudo mais, a instracção publica, por exemplo... e surgiu um novo caso.

Da instrucção passamos a justiça, ao commercio, á industria, á agricultura ao exercito.

Foi um desancar sem nem piedade; não ficou de pé nova instituição nacional: tudo réles, miseravel, a sair do podre.

Eu sentia-me mal, alem do mais pela presença daquelles francezes: protestar? *à quel hon?* seria provocar uma discussão azeda com gente que me era quasi desconhecida — cuja argumentação estava lon-

A SYMPATHIA



convida ás exmas.
familias
para uma visita ao
seu atelier
de chapéos com
os mais
lindos modelos.

R. Livramento, 80

Phone, 634

te me demonstrava que fora tempo perdido contraí-liz-os.

Mas a certa altura passaram a atacar a família brasileira: não havia senhoras honestas; as meninas já saíam do collegio como c. Mauá Barreira de Marcel Prayot...

Nesta altura o Moura que estivera a sorrir, contrafeito, arriscou um protesto delatante:

— Perdão! em seu português, mas vivo no Brasil há

bastante tempo para conhecer a família brasileira...

Todos falaram a um tempo, retorquindo á defeza esboga-da; eu que continha os nervos para não disparatar, seguí de melhor alvitre lembrar a hora da corrida e convidar o Moura a partir. E levantamo-nos, entre os protestos de *plaisir de voir connaissance*...

E foi quando já íamos a vin-te passos de distancia que per-

guntei ao meu camarada...

— Mas que typos são es-ses-zinhos que vem a Paris para fazer *meetings* contra a pá-tria...

— Ah, não são mãos rapa-zes... são empregados do Bu-reau de Propaganda do Brasil em Paris...

— Ah, logo vi... fiz eu. E fomos ver os cavallos.

LOPO LOPES.



ANTIGUIDADES

Fumavam os antigos? É difficil saber si Cesar Augusto ou se Cicero tinham o cachimbo entre os labios. Mas, apesar disso, lê-se no Umscham que em recentes escavações e pelas ultimas descobertas parece quasi certo que para os grandes romanos esse vicio não era desconhecido. Encontraram-se de facto tubos metallicos revestidos de

madeira, na forma quasi identica dos cachimbos. Mas como podiam elles usar o tabaco, quando se sabe que elle appareceu pela Europa seculos mais tarde?

Autores gregos fallam do costume espalhado entre os celias e entre outros povos barbaros, de espirarem o fumo de certas substancias vegetaes: e não é inverosimil suppor que os barbaros, vindo mais tarde a servir sob as

aguías romanas tivessem introduzido no império e no mundo latino aquelle habito. E' assim presumivel que nas origens, se usasse aspirar a fumaça de certas hervas tidas como medicinaes, com um intuito exclusivamente hygienico; o agradável effeito produzido por essas substancias narcoticas e aromaticas trans formou depois o preceito terapeutico em um habito generalizado.



Anno Novo

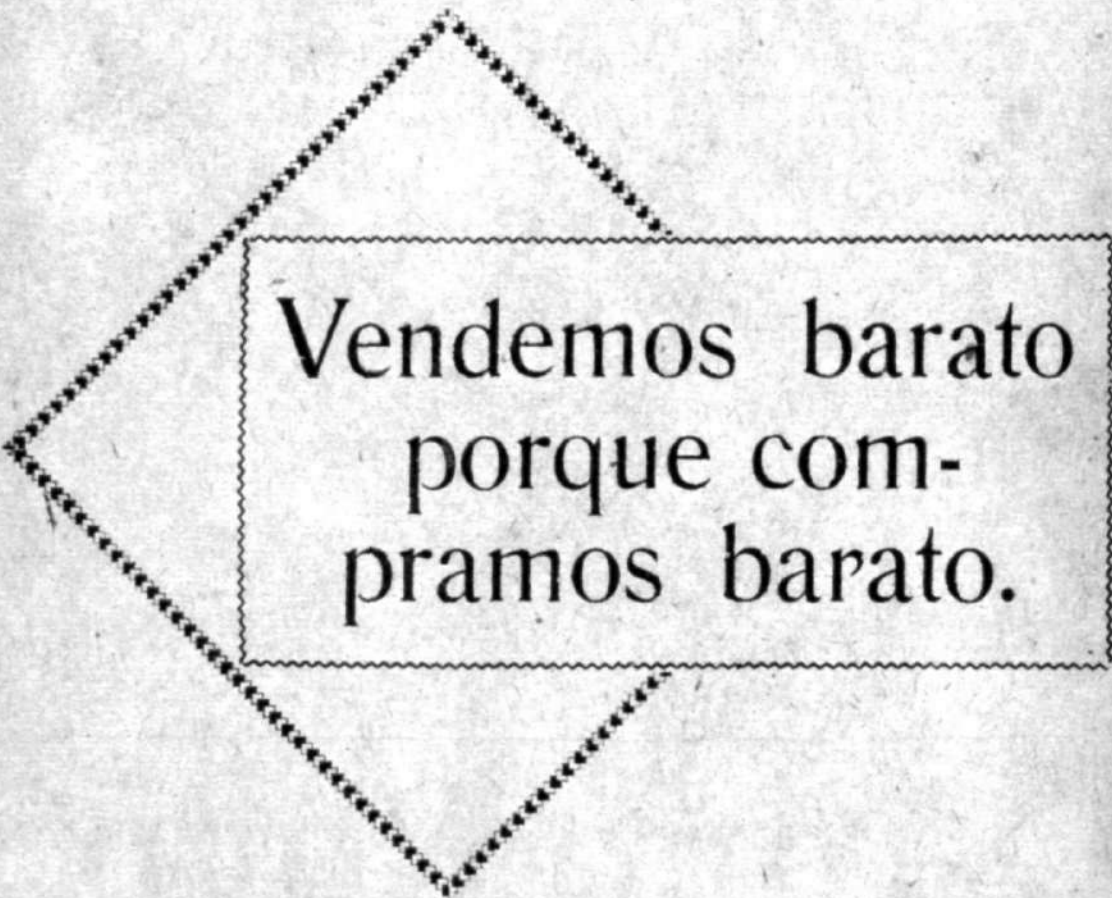


Au Bon Marché pede a
atenção das exmas familias
para o seu optimo e lindo sor-timento de artigos para pre-sentes de que acaba de receber
e brinquedos de creanças.



RUA BARÃO DA VICTORIA 55

Grande Venda



Vendemos barato
porque com-
pramos barato.

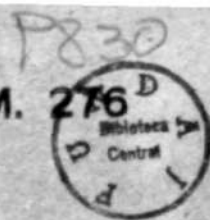
Antes de comprar calçados
e chapéus, visite as exposições
com preços marcados, em ar-
tigos novos, da

Casa Polar

Rua Sigismundo Gonçalves 121

RECIFE, 8 DE JANEIRO DE 1927

ALFREDO PORTO DA SILVEIRA — DIRECTOR



No silencio do amor

O silencio, nos intimos cónchegos, é motivo crepitante de amor. Nas grandes distancias, como a morte, semeia a inacção affectiva e faz acção de gelo nas fogueiras.

Hontem, quando ella ficou em silencio e elle falou-lhe com um olhar e cantou num sorriso o mais lindo hymno de amor, elles ficaram pensando que nunca deixou de existir o jardim do Eden.

O egoismo, que é a mais linda virtude da personalidade, elegeu-a uma creatura ideal. Ella se tornou uma deusa de si mesma, cultuando-se na sua propria adoração. No espelho, se narcisa. Nos gestos se curva para adorar os proprios gestos.

Hoje, ella está em silencio e está distante.

Continúa a ser a sacerdotisa do seu proprio culto.

Tem o egoismo que a fez a mais linda creatura e a tornou um desejo eterno como uma supplica nos labios de uma santa. E está silenciosa, na reclusão do seu orgulho de mulher egoista.

Exquisita. O orgulho da belleza não é o orgulho do amor.

Agora ella está com medo que o silencio na distancia mate o amor. E, num pensamento profano, imagina que nunca existiu o jardim do Eden.

NEHEMIAS
GUEIROS

Olinda, 2 de Janeiro de 1927.

Minha idolatrada Maria do Mar.

Numa cadeira, nesse mesmo terraço florido, onde, tantas vezes, fizemos nossas confidências fraternas, olhava para o mar, tão sereno e azul, nessa tarde serena e doce do ultimo dia do anno, quando recebi tua mimosa carta cor de rosa. Agradeço-te as preces que, de certo, fizeste aos ceus estrelados, pela ventura de meu viver. Eu tambem rezei pela tua felicidade, pedindo a Deus que te illuminasse, fazendo-te uma dessas criaturas harmoniosas, que vem á terra, em certos dias de gloria, para consolar as almas sensiveis e soffredoras.

E Deus me ouvirá. Deus me concederá a immensa graça, em te coroando de bênçãos. Ri-me muito de teu Papá-Noel. Um Papá-Noel do seculo XX, sentimental e generoso! Como elle é bom! Como elle é sonhador! O sonho da ventura sempre foi a unica razão de ser de sua vida.

Ainda-o a viver, enfeitando-lhe a vida de rosas. E's a mulher perturbadora do amor de Mario.

E para conseguires essa victoria de felicidade, esse triumpho amoroso, basta que procures obedecer incondicionalmente. Aqueles principios de vida em commum, de que nos falla, num de seus livros magnificos, o nosso queridissimo Julio Dantas. Respeita sempre, e em qualquer emergencia, o "eu quero" de Mario. E quando fores interrogada a respeito de teus desejos, de tuas vontades, de tuas predilecções, de teus habitos, de tuas preferencias, responderás, a sorrir, como as rainhas: "elle quer assim"...

O "eu quero" de Mario será a tua unica vontade, e o "elle quer assim" será o lema de tua vida. E assim, minha idolatrada Maria do Mar, alcançarás, sem contrariedades, sem arrebatamentos nervosos, a felicidade ambicionada, a felicidade que te fará a mais invejada das mulheres. Os homens de temperamento frio, glacial, os homens indifferentes ás delicias da vida, e indifferente aos estados de nossa alma, passam por nós sem nos deixar impressões carinhosas.

Entretanto, os homens sensiveis, egoistas, ciumentos,

CARTAS DA COR DO MAR

que se preocupam com a cor de nossos alfinetes, deixam, em nossos corações, o fogo sagrado do amor. Fallo com a experiencia de meus trinta e seis annos. Amei e fui amada assim, á borda de um vulcão, cujas lavas eram o egoismo, o amor-proprio e o ciúme de Othello. Como fui feliz!...

Essas criaturas amorosas e intrepidas, corajosas, capazes de todos os sacrificios, têm ciúmes até de nossos vestidos. Não querem as pernas e os braços nus. Odeiam os grandes decotes. Têm ciúmes do ar, do vento, da luz

do sol, da luz das estrellas, do sereno da noite, da neve das manhãs.

Si desejamos ser felizes, e si desejamos dar ás criaturas de nosso amor toda a alegria que está nas nossas mãos, devemos satisfaze-las sempre, sem sacrificio de nossa vontade, mesmo porque, Maria, a mulher amada não tem vontade propria. Aquelle principio de que te fallei, linhas acima, resolverá o assumpto: "elle quer assim"...

E por que fallei em vestidos, lembro-me agora, minha doce Maria, daquella creatura boa e generosa, egoista e doída por mim, a quem amei com enthusiasmo com o delirio deslumbrado de mim mesmo, sem a noção exacta de meus actos. Elle tinha horror aos vestidos de cores vivas. Possuia o sentimento da belleza suave. Era a cores claras que lhe arrastavam o espirito illuminado. E tinha, tambem, horror, aos vestidos que chamavam a attenção dos outros homens. E até (avalia tu, minha filha, que Othello!) dos vestidos que despertavam a curiosidade das outras mulheres...

Era elle quem escolhia o figurino. Discutia commigo horas e horas, e vencia sempre. A's vezes, a costureira modificava o figurino, e eu, com um enfeite, pregando alli um babado, e esse facto era o bastante para me vingar um pedaço do meu á terra...

Ria-me, beijava-o, e pegando da tesoura cortava o enfeite, substituia o babado, e arranjava um cinto de seu agrado... Elle ficava tão alegre!...

E quando minhas amigas me fallavam a respeito de vestidos, eu lhes respondia, a sorrir: "elle quer assim"...

E fui muito feliz. Depois de alguns annos, eu o comprehendia pela maneira de seu olhar. Comprehendia-o e me entregava, submissa, sem uma queixa, muito carinhosa, ás suas mãos de Rei, como se fosse uma flor indefesa.

Sé tambem assim. Viverás a domina-lo, trazendo-o acorrentado a teus pés. Sé, antes de tudo, muito delicada. Conheço muito bem a alma infantil de Mario. Ama-o, ama-o, e és rainha dominadora. E ele será o escravo agradecido. Adeus. Beijo-te, beijo-te muito.

Tua amiga, do coração,

Maria da Gloria.

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico dr. Croun, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brazil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabello.

3º — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam a cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e farmacias de primeira ordem.

Alvim & Freitas cessionarios da Caixa Postal n. 1379



Adeus, Rugas!

3.000 dollars de premios se ellas não desaparecerem
A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e se embelezar.
—E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto.—
e em pouco tempo.

EXPERIMENTAI HOJE MESMO O "RUGOL"

Crème scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelezta e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros crèmes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e péas de galinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas activas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida da poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy, pagará mil dollars a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollars a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro, ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollars a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, innumerados imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso, prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre

RUGOL

Mme. Harry Vignier escreve:

"Meu marido, que, em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL, e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Vallenec escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeavam o rosto e depois de usar muitos crèmes annunciados, comeei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desaparicção não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS, RUA DO CARMO N. 11, SOB.—CAIXA 1.379—S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo — Junto remetto-lhes 1 sello de 200 réis, afim de que me seja enviado pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

«A Pilheria»—Recife.

par objectos de marfim: dissolva-se numa porção da agua quanto baste de pedra hume para tornal-a côr de leite. Faça-se ferver, tire-se do lume e deite-se dentro as peças;

deixe-se de molho durante 1 hora, escovando-se de quando brancas, ponham-se a seccar de vagar, envoltas em panno de linho ou em serragem de madeira, para se não fenderem.

Appareceu, no Pará,
—Diz um jornal da manhã
Um homem que anda "vestido"
A' moda do "ba-ta-clan".

O cujo — vejam que coisa!
(Saiba o leitor que eu não bebo!)
Anda, nas ruas, gritando:
—Eu sou o homem de sebo!

Faz elle questão serrada
E fica, mesmo, valdoso
(que todos vejam seu corpo
Gordo, selento, lustroso)

Eu conheço muita gente
Que, por falta de lavagem
Anda, com o sebo escondido,
Por debaixo da roupagem.

ZE' DA PINGA

Completará annos na proxima segunda-feira o distincto cavalheiro Ernani Antran, funcionario de cathogoria da "Pernambuco Tramways".

O anniversariante que é figura de destaque em nosso meio social, offerecera um jantar, em sua residencia, em casa Amarella.

Para estancar hemorragias nasaes uma revista ingleza aconselha dois processos: 1.º, Manter no doente os dois braços erguidos acima da cabeça. 2.º, dissolver 2 colherinhas de sal de cozinha em agua quente e injectal-as nas narinas por meio de uma pequena seringa. Outro processo, recomendado pelo dr. Hutchinson, é mergulhar as mãos e os pés em agua quente soffrivel.

Contra a surdez: põe-se uma colherada de sal em duas garrafas de agua e depois de ter estado 24 horas em dissolução agitando-a a garrafa de vez em quando, derrame-se uma colher no ouvido do doente. Praticando-se este remedio durante 8 mezes, tendo-se sempre o cuidado de conservar o ouvido da parte de cima, obter-se-á uma cura completa.

Processo infallivel para lim

MINHA PATRIA



JAYME
GRIZ

Minha pátria é grande! grande!
E tem mil ritos selvagens...
Minha pátria é grande! grande!
E são seus filhos audazes!...

... Minha pátria tem uma grande alma selvagem...

... E estou bem certo
Que no mundo inteiro
Não ha outro á sua imagem...

Quer em bruteza...
Quer em belleza...
Ou subtileza...

... Minha pátria é tão grande que até parece um
Unívérso!

... Minha pátria é mui grande p'ra ser cantada
Ou auscultada
Na eloquência de um verso!

Minha pátria é grande! grande!
E tem mil ritos selvagens...
Minha pátria é grande! grande!
E são seus filhos audazes!...

... Minha pátria tem uma grande alma selvagem...

PRECE:

Oh! minha pátria de tez bronzeada!
Oh! pátria cubizada!
Oh! pátria abençoada...

... Oh ...

Amo-te immensamente assim...
Com toda a impetuosidade e rudeza
Das tuas tiriricas...
Das tuas navalheiras...
E dos teus barbaros mandacaris!...

E com toda a delicadeza das tuas leodas...

Amo-te immensamente assim... assim...

Oh! pátria gigante!
Oh! pátria estuante
De vida, calor, força, belleza e heroísmos...

... Oh ...

Amo-te assim... assim...
Com um amor tão profundo como os teus abysmos...
Com um amor cheio de estranhos paroxismos...

... Oh ...

MEU
BRAZIL!!!

A VOLUPIA DOLOROSA PELO INANIMADO

Ao clarão forte da lampa-da suspensa ao tecto do "atelier", Giúlio embevecido, tinha os olhos na estatua que cinzelava.

Era uma figura soberba de mulher nua, cabeça inclinada para trás, olhos no alto, membros elasticados num espreguiçamento voluptuoso, com as mãos sustentando os seios como numa offerenda á volupia do homem. Ao seu lado, no tapete persa, despida e de pernas cruzadas, Giuditta, amante e modelo, mordida a ponta doirada de uma cigarrilha, toda immovel e silenciosa como um idolo.

Giúlio descobrira-a num recanto da Hespanha e atraído pela sua singular belleza plastica, convidara-a a vir com elle para a sua patria. Alma de aventureira, mulher audaciosa, Giuditta partiu sem remorso e sem saudade, indifferente á magua e aos queixumes do coração de sua mãe. Tornou-a o escultor seu modelo e sua amante. E muitas vezes, quando o artista trabalhava, ella, Giuditta, cansada da immobillidade a que a condemnava o seu papel, deixava o logar onde o amante collocava-a e avançava, tentadora e lubrica, para enlaçar-o nos braços.

Por longo espaço de tempo, os dois se quedavam assim abraçados, lábios nos lábios, carne contra carne, no delirio de uma febre amorosa que não sabiam dominar. Porém, á medida que a estatua crescia de formas, crescia igualmente no escultor a ansia de concluí-la. Debalde Giuditta procurava arrancar-lhe o cinzel das mãos.

Em vão o modelo, tomando diante de si attitudes artisticas, requintadas, da maior sensualidade, despertava-lhe o desejo. O amante permanecia agora frio, insensível á ardência daquelle carne offerecida de modo fremente á sua volupia... Dir-se-lia que a estatua anesthiava-lhe os sentidos. Terminada a obra, não se can-

sava o artista de fital-a, alheio por inteiro ás cousas que o rodeavam.

Emquanto isto, Giuditta fatigada de esperar que o amante a chamasse, atirou ao cinzeiro a cigarrilha, levantou-se e caminhou para elle. Rodeou-lhe o pescoço com os seus braços macios, procurando, ávida, beijar-lhe a bocca. Mas Giúlio repelliua: os seus olhos somente encher-gavam os seios brancos da estatua e no tablado escuro de suas pupilas o desejo rodopiava como uma ballarina sensual... E o modelo debatia-se em crises de desespero e de ciúme e o artista collava o corpo ao corpo da estatua, osculando-lhe os lábios, acariciando-lhe as formas, numa anela dolorosa e inútil de animal-a.

Giuditta, attonita, ante aquella scena, sentia rugir-lhe no intimo uma raiva terrível e que só a grande custo vingava dominar. Nessa noite, no seu quarto, esperou o modelo o amante. Muito tarde, porém, sentindo-o não vir, saltou do thalamo e descalça, rumou ao "atelier". Giúlio não estava lá: pela janella aberta ella avistou-o no jardim, dentro da noite enlazarada e fria. E sobre o pedestal, ao centro do "atelier", a estatua ergula-se impoente, na sua serena immobillidade de pedra. Giuditta pôz-se a mirar-lhe os contornos, a que a luz da lampada doirava a brancura. Sentia odiar o marmore a que também emprestara a belleza maravilhosa do seu corpo. E tinha impetos de destruí-la, de quebral-a em pedacos meúdos, pois que ella, a estatua, roubara-lhe o homem adorado. Obcedada, dentro do seu odio e do seu ciúme, não percebeu o modelo alquem levantar o reposteiro e entrar. Era Giúlio. Este ao ver a amante erguer o punho para a estatua, num gesto de furia, tudo comprehendeu. Correu para ella e prendeu-a nos braços com palavras de commovente piedade: — Não a destruas, Giuditta, eu já não a desejo. Ella é incapaz de satisfazer

o meu estúpido sadismo; sua carne não vibra, seus lábios não fremem, seus seios não palpítam... Na minha alucinação de artista qui, apenas, dar-lhe a vida com o calor do meu sangue, foi porém, um sonho louco que passou. E' a ti que eu quero. Vem. Que o teu leito seja o meu Calvario e o teu corpo o Madeiro onde o Christo do meu desejo se esforce em convulsões de um gozo immenso, sem fim.

E no silencio cantante do quarto illuminado, aquelle resto de noite, Giúlio foi para Giuditta um amante como nunca o fóra. Fel-a experimentar de todas as volupias, de todos os extases!... Foi respeitoso o termo, foi cynico e devasso, teve delicadezas de noivo e violencias de fauno! Mas, quando Giuditta, exhausta, se deixára cahir adormecida e feliz sobre as almofadas, elle, Giúlio, ergueu um pequeno punhal que, ás occultas trouxera comsigo e cravou-lh'o no seio, no mesmo seio eburneo que acabava de acariciar. Ouviu-se um gemido surdo e houve um longo estremecimento. Nada mais. Giuditta expirara.

A claridade luminosa da manhã penetrou pelas venesianas da alcova, indo cahir sobre o leito, onde, mais branco do que a cambrala dos lençóis, todo nú, com uma grande mancha de sangue coagulado no peito, o modelo jazia sem vida. E lá fóra, na quietude do "atelier", o escultor, louco, procurava collocar numa cavidade que fizera no seio esquerdo da estatua, um pedaço de carne ensanguentada: — o coração de Giuditta. No alto, ainda accesa, a lampada projectava em todo o espaço daquelle quadro trágico a sonóridade da gargalhada ironica, sinistra da sua luz mortica...

Parahyba, 1926.

ANAYDE BEIRIZ.

A PILHERIA

MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM

O coronel Facundo dos Santos Lopes, de simples lavrador de cannas até bem poucos annos, era actualmente abastado senhor de engenho.

Enriquecera. Possuía terras, gado e um gôrdo... pé de meia em moedas sonantes.

Passava de foreiro em terras alheias, a dono de propriedades. Não era mais o seu Nouzinho do Riachão. Era hoje o coronel Facundo, homem de dinheiro, pae de tres vitalinas, cubizadas pelos caçadores de dotes e de um filho doutorando em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro. E não era só coronel. Bancava, de facto, o coronel, com essa pro-

digalidade exhibicionista de matuto rico, prodigo, também, em dizer asneiras.

Para assistir a formatura do Juquinha, ou melhor do futuro doutor João dos Santos Lopes, resolveu ir á metropole brasileira, não obstante a horror que as viagens marítimas lhe inspiravam.

O seu contentamento de pae envahecido era superior, no entanto, á sua ingenuidade thadassophalina.

A sua resolução foi decisiva. Veio á capital. Tomou passagem num dos vapores do Lloyd. Embarcou. Nos primeiros balanços do navio, já em pleno mar, o coronel Facundo começou a certificar-se de que não era infundada a sua ingenua aversão pelas viagens marítimas.

O enjôo não lhe provoca-

vam vomitos propriamente. Apenas tonturas, náuseas, um indizível mal estar no estomago, pelo corpo todo...

Dots ou tres dias depois a sua indisposição permanecia inalterada. Tonto, enjôado, como se estivesse num estado de semi-embriaguez.

Approximando-se cambaleante de um grupo de moças e rapazes, que se divertiam no tombadilho, perguntalhe uma senhorita com uma desfarçada entonação de maliciosa perversidade:

—E' a primeira vez que o coronel embarca?

—Pra falá a verdade, dona, responde elle por entre ameaças de engulhos, a bocca cheia de cuspo, é a primeira vez que me amonto em vapor de mar.

FELIPPO PARAHYBA.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

Em casa de uma amiguinha, resplandecia no melhor ponto da cidade...

Notava-se em todos os cantos, animadissimo movimento. Os rapazes alegremente conversavam sobre assumptos quasi sempre sem a minima importância, mas como a mocidade por qualquer cousa se enthusiasma, elles pareciam discutir sobre um assumpto maravilhoso.

As mimosas damas ricamente vestidas, faziam graciosos grupos, trabalhando com as suas linguinhas, ora para falar sobre a moda e sobre o cinema, ora para commentar a vida alheia.

A orchestra havia chegado e as palmas pareciam ensurdecer todos, para saudar os musicos que iam alegrar ainda mais o ambiente. E os pares começaram a deslizar ao som de um fox-trot ou charleston.

Tudo era festa naquella palacete.

No entanto, eu, só, completava a felicidade passada, chorava um sonho que se desfez.

E' sempre assim este mundo.

Uns alegres, cantam e dançam; outros choram, soluçam e gemem de dôr.

Maria Rangel.



Senhorinha Inaa da Fonseca Lima, gentilissima irmã do illustrado facultativo dr. Paulo Fonseca Lima, da Assistência Publica.

Na rua Direita, paradoxalmente torta. No Fasoli, o jazz assobiava, gritava tonitroante, numa machanal de sons.

Levantei-lhe o *necessaire* de oiro, que deixara cair. Entreguei-o. Fitei-a. Um *bisquit* de Sévres. Miniatura de Watteau. Ur arqueiro de vaga... espiralado de fumo de cigarro.

— Obrigadinha — e sorriu, diabolicamente sorriu.

— Talvez devêra eu, agradecer ao acaso, o capricho deste incidente.

— Julga ter sido o acaso?

— Quem sabe...

— É... por que?

— Não sei explicar-lhe.

Sorriu de novo, sedutora, com aquelles labios sanguinolentos de "baton".

— Adeusinho...

— Teria o prazer de pronunciar-lhe o nome?...

— Cléo... Cléo Almeida.

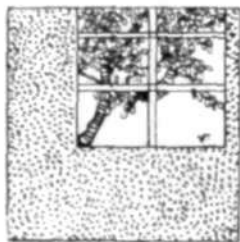
— ... e acompanhá-la...

E...

Entretecemos um romance, estyllisámos uma chiméra, esthetisámos um sonho. Um sonho real. Entrevistas. Ao bruxoleio de um poste, marcialmente erecto. A' convalescencia bucolica do luar. Foi assim. Lyrismo.

— Quero apresentar-te a papai.

Fui. Um velho pacato, como



todo burguez que se preza. Oculos. Lia um jornal. Emergia de uma preguiçosa. Sorriu. Um sorriso de quem antevê um *avis-rara*. Uma probabilidade em perspectiva. Depois a mamãe. Como todas as mamãs. E...

Passeámos. Juntos fomos ao *Santa Helena*, ao *Tranon*, ao chá do *Mappin*. Ao chá, por elegancia. E' chic. A imbecilidade humana tem dessas.

Um dia, o velho zangou. Soube que eu literateava. Em birrou. Candura de velhice.

— Um esquivinhador!

Os oculos fuzilaram. Tosziu. Apopletico. Exgottou um repertorio não muito lisongeiro. Exultei. Tornava-me, para todos os effeitos, uma improbabilidade.

Emfim!

Aquillo ia-se tornando insipido. Duma insipidez...

Silveira Peixoto.



O casal dr. João Gonçalves, com pessoas de sua exma. familia, ao sol do verão de Boa Viagem.

A PILHERIA

CUMPRIMENTOS.

Ainda recebemos cumprimentos de Boas-Festas e Anno-Novo: da Comp. Agro Fabril Mercantil, do sr. Pedro Nunes, consul do Uruguay, do sr. Lafayette M. de Azevedo & Vareda.

NOIVADOS.

Vem de contratar casamento com a senhorinha Celeste Baptista, filha do sr. Americo Baptista, negociante nesta praça, o sr. João Bruno da Matta, competente electro-operador da Pernambuco Tramways.

Teve na quarta-feira a passagem da sua data natalicia o estimavel sr. Julio Bezerra Cavalcanti, adeantado uzeiro na zona sul, deste Estado.

Amayry, travesso filhinho do illustre sr. dr. Ama-

ro Pedroza, sub-procurador dos Feitos da Fazenda do Estado, e advogado nesta capital, teve mais um natal na quarta-feira.

Realizou-se na terça-feira o enlace matrimonial da gentilissima senhorita Alzira Rodrigues com o sr. dr. Luis Ramos Leal.

O acto civil realizou-se ás 15 horas na residencia do cunhado da nubente dr. Ubaldo de Oliveira e o religioso ás 15 1/2 horas, na matriz da Boa-Vista, officiado pelo conego Jeronymo d'Assumpção.

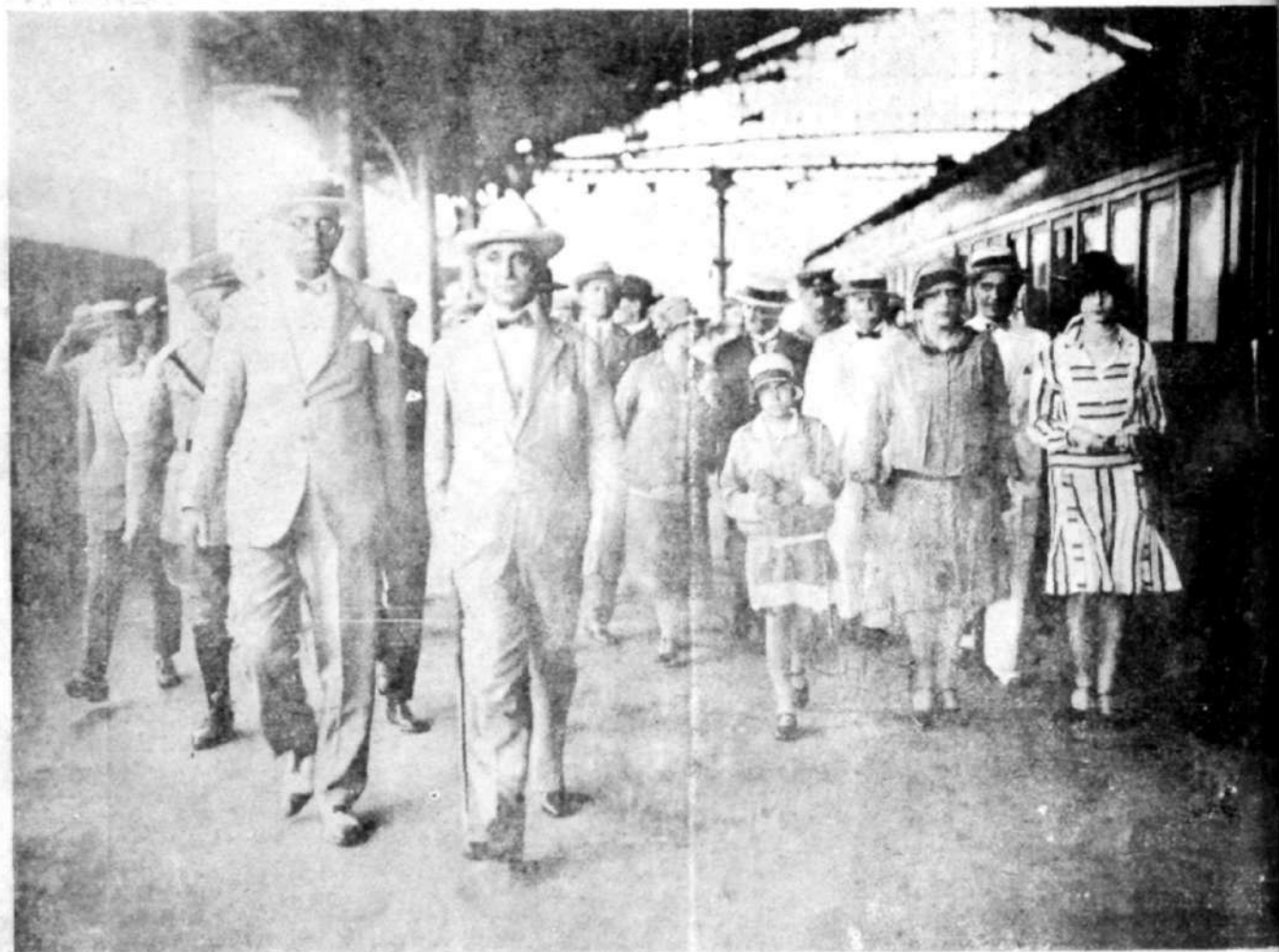
A bordo do Arlanza regressou na quarta-feira para o Rio de Janeiro onde exerce a sua clinica e milita na

imprensa o illustre facultativo dr. Geraldo de Andrade, nosso conterraneo.

Amigos e admiradores do jovem clinico e apreciado compositor conterraneo dr. Waldemar de Oliveira, autor da partitura da Berenice, promovem-lhe, dentro de alguns dias, carinhosa manifestação por motivo do seu regresso da Bahia onde em festival foi muito applaudido pela imprensa e pela sociedade local.

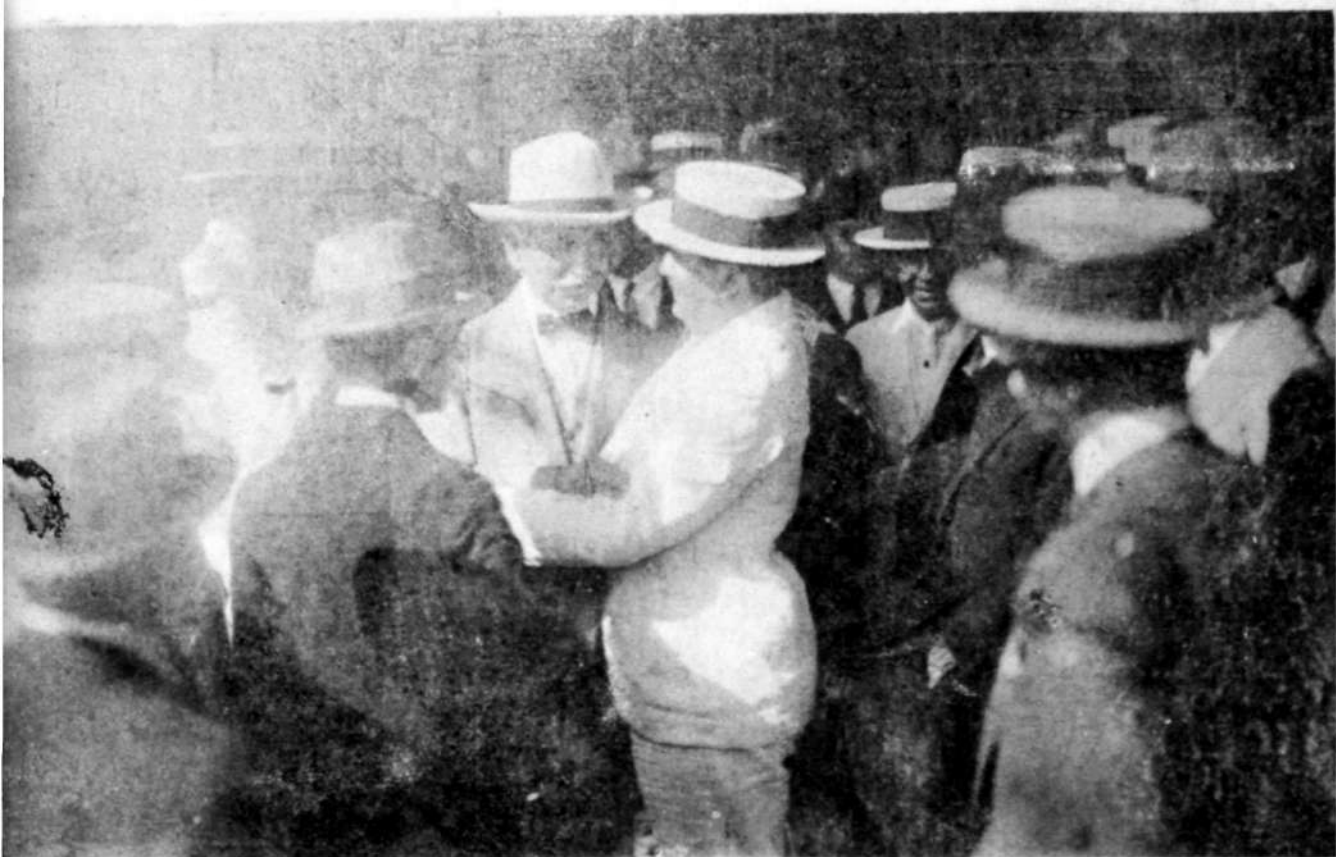
Na Joalheria Krause encontra-se a lista de adesões.

Do estimavel sr. Eugenio Nascimento, proprietario da acreditada Livraria Universal, recebemos como lembrança um chromo e bloco comercial para o anno de 1927. Gratos.



O sr. dr. Estacio Coimbra, chegando a gare das Cinco Pontas, para tomar o comboio que o tinha de conduzir á Barreiros.

Vê-se ao lado de s. exc. o sr. Antonio Gonçalves Ferreira, director das Docas.



O sr. dr. Estacio Coimbra despedindo-se do sr. dr. Joaquim Bandeira, secretário da Fazenda.



ALFANDEGA DE NATAL

Li, ha dias, um edital chamando concurrentes para a construção da Alfandega de Natal.

Ha, alli, um pardieiro velho e acachapado, onde funciona a aduana papa-gerimu. Predio respeitavelmente antigo e digno de ser queimado, como antigamente era costume nestas plagas...

Lendo o dito edital, lembrei-me de uma historia que me contaram. Historia que reza o seguinte:

Ha cousa de trinta annos mais ou menos, quando a Alfandega não estava installada no velho pardieiro actual, chegou a Natal um caixeiro viajante de uma firma aqui de Recife.

Imaginem o que seria a cidade fundada por Jeronymo

de Albuquerque, ha mais de dez annos atraz. Iluminada a kerozene. Ruas esburacadas e cheias de mata-pasto e capim pé-de-gallinha. A' noite um verdadeiro cemiterio de... vivas.

O viajante sahio a passear uma tarde, ao *sujar dos pintos* e sa voltas tantas sentiu uma dorzinha aguda e indicadora de uma situação *difficil*.

Olhou para os logares onde podia divisar um W C symbolico, e nada!

Corria serenamente o rio Pcteggy lendario. Aqui e allí boticeiras de mangue. Adeante uma latada de germinzeiros de largas folhas verdes e bem recortadas.

Aquillo foi uma cousa mesmo mandada. E aproveitando

a solidão reinante o pobre viajante procurou pensar melhor na vida, quando sentiu uma pesada mão a premir-lhe um dos hombros, ao passo que um vozeirão lhe dizia:

— Esteja preso!

Elle voltou-se. Era um soldado de policia, grande, do tamanho de um bonde.

O desgraçado desculpou-se. Circumstancias imprevistas, etc.

— Nam hai disculpa. O senhor commetteu uma infracção...

— Eu? Mas isso aqui é um lugar deserto, não ha ninguém!!!

— Então o srphé nam tá vendo qm isto aqui é a alfandega de Natal?

Reflexões

Por ocasião das inimizações é que os homens mais profundamente se revelam.

Os maiores infelizes são aquellos que escapam de ser grandes sempre por um triz.

E' periodica a necessidade da reeducação civica dos homens.

Mais facil é descer de segundo a terceiro do que subir de segundo a primeiro.

Nada mais funesto que educar os moços na supposição de que sempre vencem na vida a virgude e a nonra.

Ha na sociedade um grupo de homens a quem se dão todas as qualidades e se negam todos os favores.

Grande parte de sua vida esterilisa o homem no esforço ingrato de fazer mal aos outros homens.

Mais numerosas do que as portas que abrem para a felicidade, são as que abrem para a desventura.

Não ha raciocínio possível quando são os homens os argumentos.

O isolamento e a solidão reduzem o homem aos elementos intrinsecos de sua personalidade.

Muitas nullidades ha enfeudadas em importancia da segunda mão.

E' rapida a transformação das qualidades em defeitos quando se passa de amigo a inimigo.

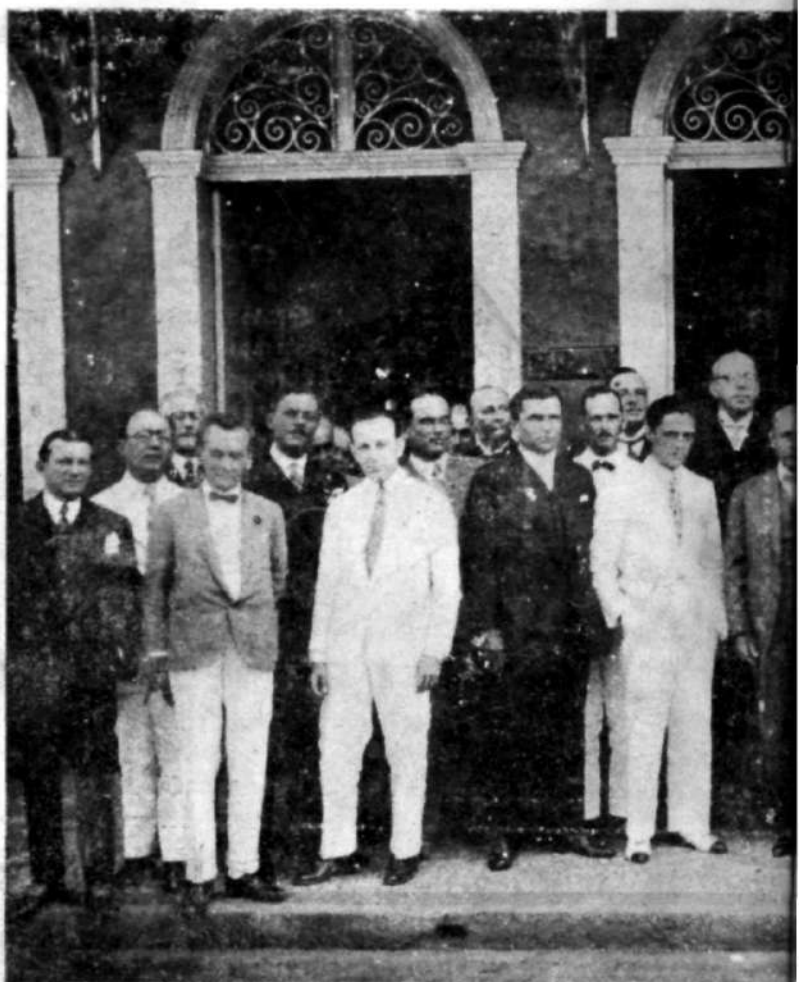
O commentario muitas vezes despe o facto da clareza intuitiva de sua chunciação.

Coisa difficil é discernir na conversa de certos individuos onde finda a verdade e começa a mentira.

Tanto quanto do corpo se deve cuidar no espirito para a velhice.

Livros de litteratura incormoda são estes que a cada pagina forçam consultas ao dictionario.

Na residencia
dos srs.
Diogo Cabral
e
Eduardo
Dubeux



Photographia apanhada depois do a
por motivo da escolha de s. exc. pa

No dia do
aniversario
de FILO'
filhinha
d'aquelle ca-
valheiro.



E' imposição da dignidade que ninguém ceda á dictadura do berro nem á tyrannia da algazarra.

O exhibicionismo aggressivo é um dos característicos dos individuos que, não tendo sido nada, são guindados de improviso a uma alta posição. Formam esses individuos a classe contemporanea dos *nouveaux-riches* na administração e na politica.

A consciencia é como o vidro: precisa de estar limpa para se poderem ver através della — a luz e a verdade.

A alma é uma vibração psychica.

Ha individuos tranquillamente integrados na maldade de sua consciencia.

Lagrimas sem consolo são as que se c'oram sobre a consciencia envergonhada da propria ignominia.

Esmeraldino Bandeira



Trovas

Quando chegar minha vez
E eu desta vida me fôr,
Dá-me um beijo, que eu tal-
vez

Ressuscite meu amor.

Quem anda por este mundo,
Da vida no vae e vem,
Si ás vezes tem alegrias,
A's vezes tristezas tem.

Agora, que estás distante,
Eu creio neste rifão
Que diz que longe dos olhos
E' perto do coração.

Eu não sei bem a razão
E nem posso comprehender,
Como é que eu sendo tão
triste,
Alegre flico ao te ver!

Vivo triste... Vives triste...
Que mais queres? Afinal
Si soffres de mal de amor
Eu soffro do mesmo mal.

E's o meu sonho feliz,
Meu sonho de trovador:
Uma casinha; eu e tu;
Nossos filhos; nosso amor...

Eugenio Coimbra Junior,



recido ao illustre deputado Souto Filho,
da Camara Estadual.

SCENA — FITAS — SONS E PALHETAS

SCENAS

Companhia Nacional de Operetas — Está de volta a Pernambuco, para abafar as saudades de tanta gente, a Companhia Nacional de Operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira unico elenco brasileiro, em seu genero, que tem a coragem de atravessar o nosso grande paiz de sul a norte, fa-

deixára em fins de Julho do anno passado depois de uma temporada de dois mezes seguidos, com uma casa vazia e ás vezes com estrondosas enchentes e as palmas mais prolongadas do publico.

E' o caso de darmos parabens á platáa recifense: a sua querida companhia de operetas está de volta prometendo fazer outra temporada de

todas as praças do sul até ás fronteiras.

O elenco, excepto Adriana Noronha, Maria Amélia e Gina Gomes é o mesmo do anno passado, com o acrescimo da brilhante cantora Laís Arede, uma das estrellas mais sympathisadas de nosso publico e o nosso corterraneo J. Faneco, que no lugar de pontão substituiu Ibydio Amorim.



VICENTE CELESTINO

Primeiro tenor brasileiro de operetas que dá o nome á companheira mais uma vez em visita a Pernambuco.



LAIS AREDA

Bonita mulher. Artista de valor. Cantora das mais festejadas e queridas de nossa platáa.

zendo uma bella propaganda das possibilidades do theatre nacional, quer apresentando-nos as mais celebres peças de autores estrangeiros, quer representando trabalhos de valor de escolhidas pennas e artistas brasileiras.

Agora mesmo, vem a Companhia Vicente Celestino de extremo norte, desde Manaus, fazendo as praças mais importantes e recebendo verdadeiras consagrações das platáas perante as quaes se tem exhibido.

Ella novamente, no Theatro do Parque, em Recife, que

vez curta pela necessidade de que tem de demandar breve Maceió, Bahia, Victoria, Rio e



CARMEN DORA é a sympathia personificada. Canta e representa para o agrado de todos. Tem verdadeiros admiradores em Recife, como em toda parte.

Vicente Celestino, o nosso primeiro tenor de operetas; Carmen Dora, a gentil figura de artista dona de nossa platáa; Martins Veiga, o ensaador e artista consciencioso; Eugenio Noronha, o correcto gala-comico; Alvaro Diniz, o impagavel baixo-comico; Elvira de Jesus, a dama caracteristica de linha; Eduardo Arouca, João Celestino, Branca Costa, Augusta de Barros, Silvana Gomes, todos aqui estão de novo neste Recife que é nosso como é da companhia que mais uma vez nos visita.

Celestino Silva o applaudido



Uma interessante reunião na residência do industrial sr. Raul Bandeira.

escriptor, continua como secretário, estando a batuta da orquestra entregue à competência do maestro Ecuruhiela, que esteve ultimamente à frente da companhia Guiró e veio substituindo Verdi de Carvalho.

Ha peças novas: *Dões de Cão*, libreto de Celestino Silva e musica de Verdi de Carvalho; *Dansa das Hbclular*, de Franz Lehar, com rigorosa montagem; *O professor Tercio*, de Celestino Silva e Verdi de Carvalho e *A rosa por-nella*, escripta especialmente para a companhia pelo nosso confrade Samuel Campello e musicada pelo dr. Waldemar de Oliveira.

De repertorio já conhecido serão repetidas as mais apreciadas: *Mazurka Azul*, *Princesa dos Dollars*, *Casto Suzanna*, *Eva*, *Duqueza do Bal Tabarin*, *O conde de Luxembur-*

go, *Sonho de valsa das estrangeiras*; e *Mano de Minas*, *A Político*, *A Jurity*, *Cabocla Lonita*, das nacionaes, bem como *Aves de Arribação*, a opereta pernambucana de Samuel Campello e Waldemar de Oliveira e que, successada na ultima temporada, fez as praças do norte com um retumbante successo que, atravez de tele-grammas e notícias de jornaes, chegou até nós.

Attendendo ás sympathias de que goza, em Recife, a Companhia Nacional de Operetas resolvemos abrir um concurso, em nossas columnas, para sabermos qual a actriz mais sympathizada, o actor mais apreciado e a melhor peça do repertorio do referido elenco, devendo os votos se achar em nosso escriptorio até ás 16 horas de cada quarta-feira quando serão feitas as apurações.

Os coupons para este concurso estão nas ultimas paginas de nosso semanario.

CONCURSO DA COMPANHIA VICENTE CELESTINO

A actriz mais sympathizada

O actor mais apreciado

A melhor peça do repertorio

A PILHERIA

SCENAS DE LA'.

—A actriz cantora Adriana Noronha, que tantos admiradores deixou em Recife, depois que se desligou aqui da Companhia Vicente Ceslano, só agora voltou á scena, estando contractada no Theatro-Recreio, do Rio.

—Na Capital do Paiz foi ha pouco fundada uma companhia de theatro ligeiro com o lindo nome de Tangará. Tangará tem na ornithologia brasileira, quicá de todo o universo; um papel de relevo: é o unico passaro que dança. Quando se reune em bandos, o tangará dança bailados interessantes. Agora Tangará tem em theatro tambem a incumbencia de dançar e cantar.

A' sua frente, como estrela, está Alda Garrido. E na da mais precisamos dizer.

Quem não conhece e não applaude Alda Garrido, como a mais brasileira de nossas atrizes?

Pura ensaiador de Tangará lemos que foi contractado o actor Pinto de Moraes, que o Recife tanto conhece e aprecia.

Pinto de Moraes ultimamente fizera-se fabricante de drogas e inventára o Asma-thyl, para a cura da asthma, tendo abandonado o theatro. Voltou a elle, agora, onde poderá applicar as duas coisas, com muito proveito. Porque o nosso theatro está mesmo uma droga.

—O pequeno artista brasileiro de 6 annos Edison, com seu pequeno grupo de creanças, está trabalhando no Rio e conquistando a mesma admiracão que tem conquistado perante todas as outras platéas.

SONS.

Maria de Nazareth — Tem ella o suave nome da padroeira de sua terra e parece ser abençoada, pela santa de seu nome, todas as vezes que se senta ao piano para fazê-lo estremecer sob os seus dedos de fada. Maria de Nazareth tem 14 annos apenas e já é uma grande pianista. Deu audiçãõ á imprensa, ha poucos dias, e interpretou com alma e technica os classicos que compunham o seu programma.

Realizará no proximo dia 13, no salão do Diario de Pernambuco, uma audiçãõ publica e desde já ha procura de ingressos para sua festa.

E' que vale a pena ouvir a pequena e grande pianista paraense.



OLEGARIO MARIANNO

ESCOLA NORMAL "PINTO JUNIOR".

PROFESSORANDAS DE 1926

XVII

Dulce Santa Rosa.

Hoje traço o perfil sympathico de Dulce, que arrebatou os corações pela sua terna sympathia.

Morena, de olhos negros vivos e sorridentes, cabellos escuros, revoltos, que encantam e atraem por sua beleza.

Alma encantadora de creança num typo gracioso de uma jovem plena de lindas phantasias. Cultiva com toda a intelligencia e gosto a arte de "Chopin"; vemol-a diariamente deliciar os nossos ouvidos com as lindas e lentas valsas; finalizando sempre com os irrequietos fox-trots que tanto nos alegam, e tocam a alma trazendo-nos muitas vezes um mundo de recordações. Por seu genio expansivo é procurada pela multidão das colleguinhas para as joviaes paléstras que tanto nos alegam e satisfaz.

Grande apreciadora da sua missão desenvolve-la-a com toda a effiçencia da su'alma de jovem.



Está eleito para a Academia Brasileira de Lettras. Olegario Mariano. Olegario é um poeta nacional, mais sobretudo um poeta nosso porque Olegario é pernambucano. A sua victoria encheu de orgulho a sua terra e a todos nós que o queremos e admiramos.

Daqui mandamos-lhe o nosso abraço.

XVIII

Stella Uchôa de Lyra.

E' a "estrella" calma que irradia uma luz branda e suave, fazendo invadir nossa alma por uma scentella dessa luz vivificante e meiga.

Alma rutilante, cheia de encanto encontramo-la a despedir os fulgores do seu coração bem formado. Extremamente modesta, procura delicadamente occultar-se á legião irrequieten das collegas que vivem idealizando lindos castellos para a nossa collação.

Entretante é muito estimada por todas as collegas. Apreciadora do magisterio, prova-o pela dedicacão aos livros e no ensino das creancinhas.

No seu olhar simples e carinhoso ella mostra toda a candidez da su'alma privilegiada.

E nestes dias que nos restam para a separacão, sinto em meu coração uma saudade amarga desta collega que tanta bondade nos demonstrou.

Na vida futura Stella será a felicidade de um lar onde ella distribua a virtude que lhe é peculiar.

Therezinha.

TELAS E PALCOS

THEATRO MODERNO

Bóas enchentes apanhou este elegante cinema na semana que hoje finda.

Para hoje e amanhã annuncia o *Moderno* o magnifico film *A Epidemia do jazz*, da Paramount, o qual alcançará de certo, franco successo.

Na terça-feira entrará no cartaz *O Bello Brumel*, a historia romanesca do famoso e formoso dandy inglez o qual terá como principaes interpretes John Barrymore, Irene Rich e Mary Astor.

ROYAL

Rin-Tun-Tin, o celebre cão policial, na super-produção da "Warner Bros" *Onde o Norte começa* figurará hoje e amanhã na programação deste cinema. E' um film em 6 partes que empolgam e impressionam profundamente o espectador.

HELVETICA

A linda garota, engraçada revuette em 1 acto será levada a scena pelo Conjunto Regional, em successo nesta ca-

Na tela um interessante film.

CINEMA GLORIA

Será focada hoje neste cinema a 8.ª serie do *Homem de Aço*, por Luciano Albertini, film que tem agradado geralmente nos cinemas onde foram exhibidos.

FESTIVAL REIS E SILVA

Realison-se, terça-feira á noite, no S. Izabel, o concerto organizado e levado a effeito pelo apreciado tenor Reis e Silva, para a aquisição de uma casa, que será offerecida aos filhos do saudoso medico pernambucano dr. Armando Gava-

so. O programma, optimamente organizado como estava foi talvez o motivo para a casa bem regular que o S. Izabel apanhou e para os applausos que recebeu Reis e Silva.

Foi muito applaudida tambem a sentimental valsa — *Unico amor*, musica de Alfredo Medeiros, que a executou ao violão e letra de Armando Gayoso, cantada pelo tenor Reis e Silva.



Irene Rick, a formosa actriz que trabalhará no *O Bello Brumel*.



sa de diversões. Nella tem trabalho de destaque o actor Modesto de Souza.

SOCIEDADE



Senhorita
Maria José
Ugiette



LITERATURA

DE 1830



As audições de trabalhos literarios, hoje em dia, são realmente agradaveis. Geralmente distribuem-se convites e a mesma comparecem gentis senhorinhas de intelligencia á *la garçonne*, quer dizer: do tamanho dos cabellos. Acompanhando-as, fazem acto de presença uns mocinhos de bombachas e paltósinhos systema colete, chamados de literatos e poetas pelas gazetas e que escrevem errado dizendo ser futurismo. Ha um bocado de musica, o autor recita os seus poemas, uma senhorita declama uns versos em francez (Verlaine, Musset, etc.) e depois ha um chá com massas finas.

Eis em resumo as audições elegantes. Os ouvintes não têm tempo de achar as pei-neiras inteiramente desagradaveis, entremeiadas de trechos de musica e adoçadas com aneddotas e *potins* do dia. Podiam mesmo ser irradiadas pelo alto-falante, entre as cotações do assucar e os tele-grammas sobre a annistia.

No metr tempo (figurem-me um sujeito respeitavelmente venerando) ha diversos annos atraz, já a coisa era muito antigos ainda a pintavam differente. Entretanto os mais mais lugubre. A reunião dos literatos era uma cousa horrivel. Peor que uma reunião maçônica ou de anarchistas. Os poetas, cabelludos e de gestos melodramaticos, recitavam poesias kilometricas, arrancando estrellas do infinito, mergulhando nos pelagos profundos, altos como os condores beijando as nuvens e fitando os píncaros dos Hymalayas e dos Andes, tudo isso em estrophes retumbantes copiadas a Castro Alves e Casimiro de Abreu, o que, ainda hoje, é imitado por certos futuristas discípulos de Mari-netti, que apitam como trens, ladram como cães e buzina-m como automoveis, quando recitam seus desparafusados versos.

Um meu eminente amigo, poeta melancolico e mileito-centosetrintista, contou-me certa vez a historia tragica de uma audição occorrida lá pe-

lo anno de 1885. Pelo tempo já se vê que tem bolor. Mas vale a pena sabel-a. Tratava-se de uma senhora, professora publica e literata proeminente na minha terra. Celebré na sua época, tendo recitado poesias hellenicis para D. Pedro II ouvi-las, gozava de uma fama igual a de muitos académicos medalhões que nada sabem. Hoje está velha, alquebrada e encanecida, vivendo mais das reminiscencias gloriosas de sua juventude feliz.

Entre parenthesis deve confessar uma cousa. O Rio G. do Norte goza a fama de ser um ninho de poetas. Os bardos surgem alli como por effeito prodigioso de mimetismo de pelotiqueiros. Lá os versos como são feitas, isso é cousa que não convem relatar. O que é verdade é que poetas ha em ruma. Por occasião do Centenario o poeta Ezequiel Wanderley, meu amigo, depois de uma selecção refinadissima, publicou um livro contendo uma producção de cada um dos vates potyguares. Sahiu um volume panchudo e cheio de barbaridades, entre as quaes figura uma da autoria do escrevinhador destas linhas. Mas não é sem razão que dizem:

Rio Grande do Norte,
capital: Natal...
Em cada esquina um poeta
e em cada rua um jornal...

Fechado o parenthesis informarei que a illustrada professora minha coestadana escreveu um drama de capa e

espada, em cinco ou seis tremendos actos. Depois de terminado o seu laborioso e fe-cundo trabalho, annunciou a sua leitura perante o mais selecto auditorio possivel. E foi com uma assistencia entre a qual estavam o representante do presidente da provincia, quatro desembargadores, tres medicos (precaução muito accerta-da!) officiaes, commerciantes e demais pessoas gradadas, como dizem os noticiari-stas, que a applaudida autora deu início á leitura de sua magistral concepção, cujo exito infallivel e antecipadamente reconhecido a levaria aos epinícios da gloria e da consagração.

Eram mais ou menos sete horas da noite. O assumpto do drama dispensa commentarios. Amores occultos, colloquios em phrases de fazer verter lagrimas ás pedras, duellos, tiros de bacamarte, maldicção paterna — tudo isso precedido de um prologo e com o ineffective epilogo.

Por um dever de cortezia e insigne attenção para com a illustre autora e dona da casa, os ouvintes aguentaram stoicamente o martyrio até 10 horas da noite. Depois desse longo prazo alguns menos entendedores do assumpto começaram a cochilar, sendo que outros de educação inferior ron-cavam muito alto, denotando grandissima estupidez.

Não precisa ir muito longe para relatar as peripécias dessa audição. Seria enfadar os leitores com um suplicio igual. Apenas direi que um dos medicos presente, conhecido esculapio já fallecido, foi accor-dado á uma hora da manhã quando a literata exclamava:

— Fim do prologo!

O galeno esfregou as palpebras somnolentas e inqueriu da insigne escriptora:

— Tenha a bondade de me informar: o drama é um em cinco actos?

— Perfeitamente, respondeu a interpellada sorridente.

— Pois então vamos deixar o resto para hoje, mais tarde, á mesma hora de hontem.

E deu o fóra.

PEDRO LOPES JUNIOR

OS REIS MAGOS

Eu sempre tive uma grande sympathia por esses tres reis magos, sabios adivinhos que do mysterioso Oriente vieram, guiados por uma estrella de grande coma luminosa, adorar o Rei dos Reis, o Deus-menino, o Promettido Messias, que elles sabiam ter nascido em terras da Judea.

Recordo-me ainda, da velhinha Yavá Carlota, muito devota da Penha e amiga de minha saudosa mãe, que, pela primeira vez, me contou a maravilhosa historia dos tres Rêzes, como ella dizia, estropiando o plural da palavra na sua santa ignorancia de matuta de Pão d'Alho.

Era, porém, intelligente e sabia contar uma historia de Trancoso ou de Pedro Malazartes, dando á narrativa um cunho tão pittoresco e interessante que prendia os seus pequenos ouvintes á sua palavra, e os deixava emocionados e cheios de encantamento quando terminava a

parlenda com o conhecido attribuiço: "Entrou por uma porta e sahfu pela outra, manda, Elrei meu senhor"...

Bons tempos! Saudosos tempos!...

A historia dos Reis Magos me causou uma profunda e duradoura impressão.

Talvez por passar sempre nella cheguei, uma noite, a sonhar... (sonho sacrilego!) que era eu o Menino-Deus, e que recebia a deslumbradora visita dos soberanos da Arabia prestando-lhes suas homenagens.

Apesar de pequenino eu os reconhecia muito bem, tal qual os vira, uma vez, em um presepe, de mantos reaes bordados a ouro, corbas refulgentes na cabeça, e sem esquecer os camelos de longos pescoços e grandes corcundas da caravana real.

Quando despertei do sonho maravilhoso estava deitado, não no presepe de Belém, mas na minha pobre caminha de criança, mais ri-

ca, talvez, do que a margedoura historica, porém infinitamente mais pobre de graças.

E pela vida em fóra não continuado a sonhar assim, recebendo a offerenda de ouro, incenso e myrrha que poderosos monarchas vêm trazer.

E sinto que, ao despertar, o sonho symbolico se corporifica: sinto revestidas de ouro puro as minhas intenções; num perfume de incenso se evola aos céos a minha prece, e minha alma toda se embalsama de myrrha no recolhimento e na meditação.

Doce e formosa legenda dos Reis Magos, poetizada sempre na minha imaginação, desde os despreoccupados dias da infancia distante, aos atanosos instantes do presente, eu te bendigo!

8 — 1 — 1927.

MAURICIO MAIA.

* *

* *

* *

Foi recebido com geraes sympathias o acto recente do sr. prefeito da capital mandando retirar das ruas centrais da cidade esta praga de vendedores ambulantes que enchia as nossas calçadas e dando um attestado flagrante da nossa falta de adean-

tamento.

Era de verdade um flagrante triste do Recife.

Vendendo callicidas, fitas, rendas, etc., estes individuos se postavam nos fios de calçadas perturbando o transito e pregando em altas vozes o seu commercio, um sota-

que que irritava o mais calmo dos moraes quando não ia a sua diligencia de commerciante ao ponto de pegar o transeunte pela aba do palitot.

O sr. prefeito está, pois, de parabens pela sua providencia.

ooo

ooo

ooo

Bons Annos

Vem ahi vinte e sete prazenteiro cumprindo alegremente seu fadario, enquanto vinte e seis — o salafrario — estertora o suspiro derradeiro...

Foge Dezembro triste e funerario e abre os braços a rir feliz Janeiro...
Que é que nos traz? O celebre Cruzeiro?
O falado regime monetario?

Mas o anno que se vae sempre é maldito, porque nós temos o habito esquecido de apedrejar o misero que cae...

Entretanto é forçoso confessar, assistindo ao seu lugubre findar...
— E' mais uma esperanza que se vae...

Dôr secreta

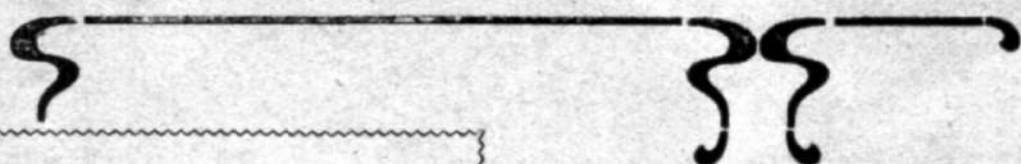
Diz muita gente que eu sou venturoso, Que eu levo a vida sem pensar em nada. Porque a todo momento vivo a rir...
Prazer enganador! Falsario gozo
O que sinto! Eu sou muito mentiroso
Porque escondo atravez dessa risada
Um mal tão facil de se descobrir!

Bem melhor há de ser que eu guarde, emtanto, Sempre occulto em meu peito todo o pranto.

O mal que existe em mim;
Que a minha dôr jamais diga a ninguém
E vá guardando tudo muito bem,
A soffrer, a soffrer, mas, sempre muda
E rindo sempre de maneira assim,

Que si eu fallasse, si eu dissesse tudo,
Haviam todos de mangar de mim!

O Panhen



**SAPATOS TRESSE
EM ESTYLO**

TCHECO - SLOVACO

**Alta moda para
o verão**

Recebeu para

a grande venda deste mez

a Casa Excelsior

Livramento 53

Phone 2568

CARNAVAL!

Animadíssimo, promette ser o carnaval de 1927.

Para isso, já se estão pondo em movimento, os clubes, blocos e troças desta Mauricê.

A semana passada foi bastante desanimada, isto talvez porque o povo se achava absorto nas festas de fim do anno.

O mesmo não aconteceu com a que hoje finda, pois o sympathizado clube "Vassourinhas" quebrou a monotonia reinante, dando uma bellissima festa em sua sede, á rua de Hortas.

TOUREIROS

Por estes dias os apreciados "Toureiros" sairão á rua, dando, assim, mais um ensaio, que promette ser animadíssimo.

Alma, rapazeada dos Toureiros! O carnaval vem ahí!

VASSOURINHAS

Distincta e sobremodo significativa, foi a festinha realizada, quinta-feira passada, na sede do "Clube Vassourinhas", á rua de Hortas, comemorando mais um anniversario de sua fundação.

Após a sessão solenne, seguiram-se animadíssimas danças, ao som de uma excellente orchestra, as quaes se prolongaram até pela madrugada do dia seguinte.

CLUBE DAS PÁS

Será na proxima semana, o terceiro ensaio do "Clube das Pás".

Animam-se os preparativos para esse ensaio das Mouradinhas da Boa-Vista.

Aguardemos...

BLOCO BOBOS EM FOLIA

Este Bloco em sessão de assembléa geral, resolveu o seguinte:

a) — A exhibição do Bloco no proximo carnaval.

b) — Realizar o seu 1.º ensaio no domingo, 9 do corrente, em sua sede social, pelas 16 horas.

c) — Convidar a todos os seus socios e musicos e bem assim as suas exmas. familias para assistirem o referido ensaio.

d) — Contractar 60 figu-

ras para constituir a sua orchestra.

BATUTAS DA BOA-VISTA

Esse bloco carnavalesco, composto de rapazes do bairro da Boa-Vista, promette ser o campeão do carnaval de 1927.

Assim é que varios ensaios já foram realizados, sobressahindo-se dentre elles o da semana passada, que ultrapassou á expectativa.

CARNAVAL

Circulon, domingo ultimo, o espirituoso órgão carnavalesco — "Carnaval", de pro-

priedade de Pierrot & Colombina.

Está excellente esse numero.

OS PREMIOS D'A PILHERIA

A conhecida casa desta praça — Companhia Commercial e Maritima — instituiu, por intermedio desta revista, uma rica taça ao automovel que melhor ornamentado se apresentar no curso do carnaval de 1927, devendo os concorrentes se apresentarem com os afamados pneumáticos da marca Goodrick, de que é representante na praça commercial de Recife, aquella importantissima empreza.

A PILHERIA resouven abrir um concurso carnavalesco a fim de saber entre os seus leitores qual é o bloco mais sympathizado e o club que conta maior numero de admiradores.

Já recebemos, até quarta-feira ultima, a seguinte votação:

Qual o bloco carnavalesco mais sympathizado do Recife?

Batutas da Boa-Vista. 6

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Vassourinhas. 120
Toureiros. 15
Pás. 19

Qual o bloco carnavalesco mais sympathizado do Recife?

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Qual o club que conta maior numero de admiradores?

Aos vencedores deste concurso, que será encerrado no dia 21 de Fevereiro de 1927, serão offerecidos dois valiosos premios.

Dr. Charleston.



FARIA NEVES SOBRINHO

A semana teve uma nota pungente. Na metropole onde actualmente residia, falleceu Faria Neves Sobrinho, o principe dos poetas pernambucanos. Esta noticia enchou de pezar os nossos circulos sociais e de letras onde o mavioso autor de *O Crepusculo* e do *Sol Posto* tinha as melhores relações a um incalculavel numero de admiradores.

A familia do brilhante homem de letras fallecido, *A Pilheria* envia o testemunha do seu pezar.

Chronicas do Verão

Eis o resultado total do nosso concurso que terminou esta semana:

Maria J. Salles.	56
Iracy Passos.	27
Irene de Carvalho.	20
Eunice do Carmo Almeida.	8
Therezita Santos.	7
Donmitilla Leal.	6
Aline d'Oliveira.	5
Lucylla Moreira.	4
Elzira Mendonça.	3
Zuleida Passos.	2
Esther Castro.	1
Gizella Gomes.	1
Carmelita Silva.	1
Luizinha Albertina Pitté.	1

Como se vê acima, obteve o primeiro lugar, com 56 vo-

tos, a senhorinha *Maria J. Salles*, que poderá procurar, ou mandar procurar, em nossa redacção, o premio que promettemos á vencedora desse concurso. Sabbado vindouro a "*A Pilheria*" publicará o seu retrato como uma merecida homenagem. Mlle. *Maria J. Salles*, que é, realmente, um dos lindos ornamentos da nossa sociedade, tem sido muito felicitada. O segundo lugar coube a distincta senhorinha *Iracy Passos*, uma das mais interessantes "bonecas" da sociedade olindense.

"*A Pilheria*" envia parabens ás duas lindas veranistas.



VIDA DESPORTIVA

CAMPEONATO DA CIDADE.
— TORRE, CAMPEÃO DE
1926, NOS PRIMEIROS E
SEGUNDOS QUADROS.

Com o jogo domingo ultimo, entre o Torre e o America, findou a temporada desportiva de 1926, levantando o titulo de campeão, nos primeiros e segundos quadros, o valoroso Torre Sport Club, vindo em seu segundo lugar o veterano Club Nautico Capibaribe.

O desfecho deste campeonato vem provar que muito pode a vontade de vencer e quanto influe a inhabilidade, conjugada com a obstinação.

A madeira rubra tomando a liderança da tabella de pontos, demonstrou que a vontade o esforço de seus homens, conseguiram vencer duplamente levantando o al-

mejado titulo de Campeão, quase em poder de outrem.

A Inhabilidade e a obstinação do velho e querido gremio da rua da Aurora, creando em torno de si uma athmosphera de odios, de animosidade em todos os nossos circulos desportivos — dahi a formidavel torcida contraria, em todos os seus jogos — proveu facilmente que, em desportos, estas theorias não servem, nada valendo.

E o Torre vencendo o campeonato de 1926 o fez brilhantemente, em duas de suas turmas.

Salve, pois, a madeira rubra!

A LINHA DO SÃO CHRISTOVÃO FEZ 69 GOALS.

Embora a commissão organizadora do combinado cariocas não tivesse escolhido nenhum elemento do quadro campeão para a representação do Rio, sacrificando-nos, a linha do São Christovão foi a melhor da temporada.

Ella conseguiu fazer nada menos de 69 goals, tendo Henrique feito mais dois.

Para cinco homens fazerem 69 goals, elles deviam ter jogado muito.

VICENTE, CAMPEÃO DE
GOALS.

Provando ser actualmente, o fora de Luvida, o nosso melhor center-forward, Vicente fez nada menos de tres goals contra o Flamengo.

Com estes tres goals, Vicente perfez 24 goals, marcados durante a temporada de 1926, sendo o jogador que mais goals fez.

Até sabbado estava Russinho em primeiro lugar, com 23 goals.

Vicente, conseguindo ficar em primeiro lugar, com 24 goals, ganhou um terno de roupa, offerecido por uma alfalataria.

AMADO FEZ 32 DEFESAS

Amado jogou extraordinariamente contra o São Christovão. Para calcular-se o quanto foi efficiente a actualiação do magnifico keeper rubro-negro, basta dizer que elle fez nada menos de 32 defesas, das quaes 22 no segundo tempo.

Paulino fez sete defesas apenas, sendo quatro no primeiro tempo.

Pelo numero de defesas dos keepers, pode-se ter uma idéa do que foi o jogo.

ULTIMOS MODELOS

*Em calçados finos para
senhoras
e chapéos para homens*

RECEBEU

A INVENCIVEL

(Nova casa de calçados e chapéos)

Novo systema de venda:

—Do Fabricante ao Consumidor

Os 61432 clientes que fizeram compras em 65 dias attestam a veracidade do que afirmamos

NÃO HA LUCROS PHANTASTICOS

Rua Nova, 379

ESPINHOS E ROSAS

Quando entrámos no salão, o baile ia attingindo ao seu apogeu: os "jazz-bands" faziam resoar os seus instrumentos exóticos e os pares, ás notas marcadas de um "fox-trot" compassado, obrigavam a descair, ora para um, ora para outro lado, os corpos unidos, estreitamente unidos, languídos e amollescidos, a acompanhar o rythmo da musica.

Era num dos nossos grandes hotéis, em sabbado da Albulia: ao esplendor das luzes, casava-se o perfume das flores com que fôra a sala ornamentada, para aquella sumptuosa noite de baile.

A concorrência era grande; e, contrastando com a linha das casacas e o collo nús das mulheres decotadas, fantasias as mais variadas, punham uma nota bizarra á festa, dando-lhe um aspecto carnavalesco: aqui, um bando multicôr de "pierrots"; ali, um grupo alegre de odaliscas; mais além, príncipes, rajahs, mandarins misturavam-se a pastores, camponezas, arlequins e alsacianas.

O calor era intenso, e o meu amigo, abafando, convidou-me:

—Vamos para uma das mesas proximas ao terraço? Dali poderemos apreciar muito bem e sem soffrer a tortura deste calor suffocante.

Atravessámos o salão, onde errava um cheiro penetrante de lança-perfume, mesclado á exalação acre de suor, e dirigimo-nos a uma das muitas mesinhas, dispostas nas extremidades do grande terraço illuminado por lanternas japonezas de côres diversas.

Um "garçon" veio, solícito, nos attender.

—"Champagne" — disse o meu amigo — e um prato com "sandwichs".

Eu percorria com o olhar o salão, agora calmo, onde os pares, de pé, aguardavam a musica; esta não tardou, fazendo vibrar os primeiros compassos de um tango argentino, harmonioso e dolente.

—Não sei porque — disse ao meu companheiro — acho o tango sempre nostalgico, impróprio para uma noite de festa, em que tudo deve ser alegria... Já reparaste que todos os tangos se assemelham, quando mais não seja,

pela tristeza de que se revestem?

—E' exacto — respondeu-me Eduardo, sorvendo um gole de "champagne". E ia proseguir, quando, junto a nós, passou um par que nos prendeu a attenção: era uma linda rapariga, muito nova, vinte annos, talvez, em cuja tez morena, côr de jambo, dois olhos negros e scismadores brilhavam como duas pedras de onyx; a cabelleira, negra tambem, toda crespa, cuidadosamente aparada, realçando a alvura de um collar de perolas; e na bocca, semi-aberta, dois labios rubros e carnudos, no desabrochar de um sorriso, faziam transparecer os dentes perfeitos e bem alinhados. Estava fantasiada, com uma especie de "pierrot" preto, com arabescos "grenat"; e a largueza da blusa disfarçava-lhe a perfeição das linhas do corpo esbelto de "fausse-malgre"; os braços, porém, mostravam-se inteiramente descobertos, e o direito, contornando o pescoço do rapaz com quem dansava, trazia a lembrança uma grossa serpente, côr de marfim velho, a querer se enroscar; na mão esquerda, entre outros anéis, tinha uma alliança larga, ainda nova.

—Que linda rapariga! — disse eu. E já casada! O que mais me admira é que o marido constata em que ella frequente taes logares.

—O marido? — fez Eduardo, sorrindo ironicamente. E depois de uma pequena pausa:

—Ella não é casada.

—Conheces, então? Quem é?

O meu amigo retirou do prato uma "sandwich"; e, trincando-a, continuou:

—Conheço apenas de vista, e sei que se chama Violante.

—E que mais? perguntei em interessado.

—Tem uma historia muito interessante e muito dolorosa! esta menina. — proseguiu — Queres ouvir-a?

—De certo — affirmei.

Eduardo sorveu novo gole de "champagne"; tirou do bolso a cigarreira de prata e, accendendo um cigarro, depois de recusar-me eu a imital-o, começou:

—Ha um anno, mais ou menos, aquella senhora que

vês acolá (e apontou-me uma das mesas onde, em companhia de dois rapazes, uma mulher ainda moça, alta, loura, ricamente vestida, conversava animada), desembarcou aqui, de regresso do Norte, em companhia do marido, que é medico; e com o casal veio a Violante, pertencente a uma familia muito conhecida em Pernambuco. Veio a passeio, para voltar dois ou tres mezes depois.

—E ficou definitivamente?

—Espere, vamos com calma — continuou Eduardo — lá chegaremos.

A menina não conhecia o Rio; e como era natural, ficou deslumbrada, como acontece a quem pela primeira vez pisa uma grande capital. Começaram as festas, os bailes, pic-nics, chás-dansantes... Achavam-na bonita — e realmente ella o é — elogiaram-lhe a plastica, fizeram-lhe nascer n'alma a ambição do luxo...

—Já adivinho o resto — interrompi affeito.

—Não adivinhas coisa alguma — retorquiu Eduardo, meio enfadado. O fim é muito diverso do que supões.

—Ora, está-se a vêr: o luxo é o portico da perdição, o vestibulo do vicio.

—Tens razão; mas neste caso a perdição não foi para satisfazer ao vicio, nem este predispoz áquella; ao contrario, houve, sim, uma armadilha muito bem feita, na qual Violante ficou presa para toda a vida.

—E quem preparou tal situação?

—A dama que a acompanhava.

—Com que fim?

—Já vaes entender. Como já te disse, o marido daquelle senhora é medico; e, certa noite, ao chegar em casa, percebeu que um vulto, sorrateiramente, encostado ao muro, no jardim da casa em que moravam — uma casa lá para as bandas da Tijuca, ao centro do grande terreno — procurava evitar ser visto.

O medico, porém, perseguio-o, deu alarme e conseguiu detel-o: vieram criados agarraram-no, tomando-o como ladrão. Interrogado, o rapaz confessou: viera ali por causa da moça, da Violante, a uma entrevista que lhe marcara.

— ARADOS — **OLIVER**

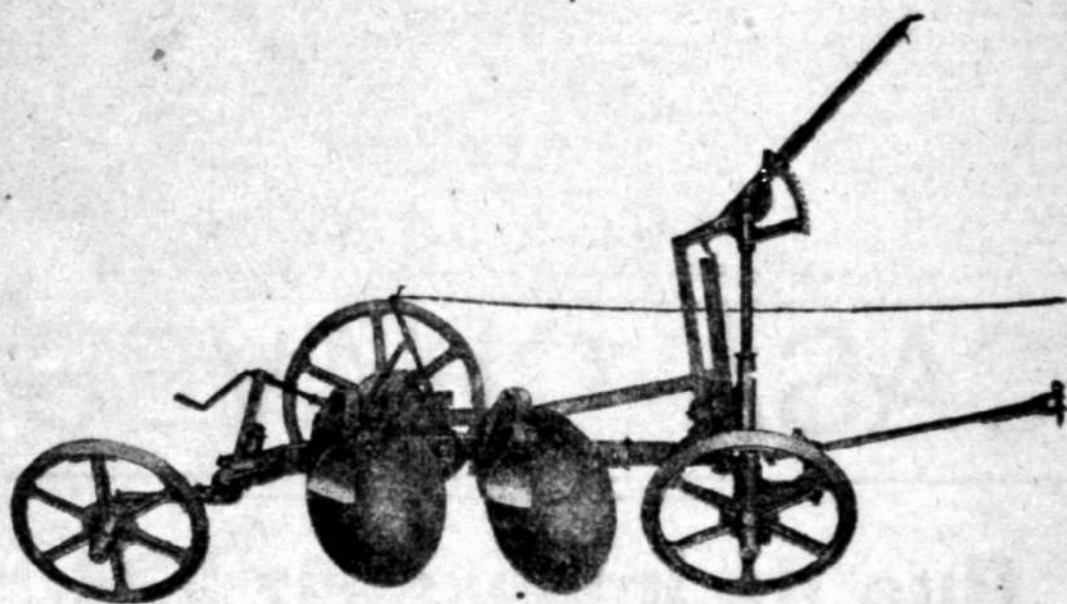
AGENTES

Oscar Amorim & C.^{ia}

Rua Imperatriz 118

Praça da Independência 32 e 36

Recife



Arados de Disco D. 72

Ultimo modelo e aperfeiçoado

Sortimento variado em

ARADOS

*de disco e de aivecas, grade, sulcadores, etc.
para TRACTOR e tracção animal.*

A FILHERIA

Interpellada, a moça confessou: — sim, era seu... amante, desde muito, quando ainda em Pernambuco.

A dona da casa mostrou-se primeiro, surpresa, depois indignada, e, por fim...

— Por fim? — interroguei eu.

— Por fim — rematou o meu amigo, atirando para o ar uma baforada de fumo — aceitou como facto consumado a situação que se delineava. Vês aquelle rapaz alourado, alto, que está na mesa, á direita? Pois é o herói da aventura.

— Mas a armadilha? Não comprehendí.

— Pois não percebeste? Elle tinha ido lá por causa da outra, da mulher do medico; esta, porém, quando se viu perdida, appellou para o coração da joven, promettedo-lhe tudo quanto quizesse, desde que a salvasse; não a mandaria mais para Pernambuco, conservava-a ao pé de si, morando em sua casa. A moça, penalizada, cedeu: assumiu a responsabilidade da falta que não praticára.

— E o marido? Não deu queixa á policia?

— Ingenuo! Para que?

— Para que? Ora, essa! Para fazel-o cumprir com o seu dever, reparando a falta.

— Mas se já te disse a falta foi hypothetica, convencional; depois, a moça oppoz-se, declarou ser maior e ter agido por espontanea vontade. O medico quiz escrever para a familia della, relatando tudo: mas ficou receioso do abalo que iria provocar na velha avó de Violante, orphã de nascimento, e que creára desde pequenina.

— E depois?

— Depois uma espanholita endiabrada fez convergir para a graça do seu "salero" e o estalido das castanholas a sua attenção; absorveu-o por completo, de maneira que...

— Acaba — disse eu, já ansioso.

Eduardo encheu de novo as nossas taças e, sacudindo os hombros, no gesto habitual com que traduzia a sua indifferença, concluiu:

— Achou melhor deixar ao acaso o curso dos acontecimentos; mesmo porque, verificou que a Violante poderia vir a ser, como succeden, uma boa fonte de receita para a

manutenção da casa, e, ao mesmo tempo, para que elle pudesse satisfazer, com maior facilidade, aos caprichos da sevillhana.

— E quem é esta hespanhola? — indaguei.

Eduardo teve um sorriso expressivo; e batendo-me no hombro e levantando-se:

— Eis ahí a chave, a solução do problema: a hespanhola é a... intermediaria; foi o rapaz quem a ajustou para isso, entregando-lhe mensalmente, além do que lhe dá o medico, boa parte do que ganha a Violante, que ainda concorre para o luxo da amiga.

Olhamos para o salão: a mesa de Violante estava agora occupada por outras pessoas; descemos a escada e, ao chegarmos ao "hall" do hotel, estava parado á porta um luxuoso "Packard", por cuja porta, aberta, ia entrando o vulto esbelto de uma mulher, envolta num amplo "manteau" de velludo negro, tão negro como a sua cabeleira crespa, cuidadosamente aparada.

HONORIO DE CARVALHO.

CASA CHAVES

Rua da Imperatriz 234

Neste conhecido estabelecimento reformam-se e fabricam-se lindos modelos de chapéus de feltro e de palha para senhoras e creanças.

Permanente exposição de artigos de sua especialidade

UM ESTUDANTE APLICADO

(COMEDIA SEM GRACA)

O automovel rolava pela avenida Belra-Mar, cruzando-se com uma infinidade de lés. Enormes olhos amarelos em disparada...

Pelos passeios gente que vai e vem.

Homens a vender balas e bonbons.

Rapazes sem chapéo, fumando.

Moças e senhoras em toilette de verão.

Bondes que passam apinhados.

O mar sereno, calmo.

No céu limpido começavam a brotar as primeiras estrellas.

O medico suspendera a leitura de um livro que trazia e observava de relampago. Uma saudade vaga passou pelo seu coração.

Quando estudante fazia estes passeios.

Gostava então a delicia da praia e o encanto das mulheres deste trecho adoravel...

Lembrou-se de um olhar, de um doce olhar que nunca mais teve.

Era uma menina-moça. Leve, esguia, de olhos grandes, bocca talhada em discreto accento circumflexo...

Conheceu-a nesta esplendida Flamengo.

Por vezes muitas disseram coisas de todos os namorados.

Um dia, ella partiu para S. Paulo.

Roberto sentiu muitissimo a sua ausencia. A Praia não lhe offerencia o mesmo deslumbramento.

Achava-a intoleravel, insipida...

A menina-moça promettera escrever-lhe. Esperou... Nada! Nem uma carta sequer! Amou-a. Depois procurou esquecê-la.

Um signal mais forte do seu carro tirou-o de dentro do Passado.

Estavam entrando na rua Guanabara.

A poucos metros adiante, o auto parou. Um sorriso melgo recebeu o medico na ante-sala:

—“Oh, meu Roberto!

Como você se demorou hoje!... Estou com raiva... estou...”

Elle, muito amoroso, tomou o labio inferior, entre dedos, como costumava fa-

zer, mas... não teve coragem de beijal-o.

A esposa, entre apprehensiva e coquette:

—“Então, não estou bonita hoje?...”

Que tem você, meu amor?... Está de testa franzida... mudado... Que ha?”

—“Nada, Margarida... Vamos jantar?”

O doutor Roberto Benevenuto, além de bom medico, era um literato finissimo.

Vivia estudando, ora os casos complicados de sua clinica numerosa, ora, como distracção, as literaturas, acompanhando de perto o seu evolver.

Falta dizer que elle cultivava com certo carinho a Psychologia e que era o prototypo dos bons maridos.

Casados ha quasi um anno, sem uma unica ruga. Margarida estava admirada com as suas maneiras dessa tarde.

A refeição correu em absoluto silencio.

Quando Roberto se assentou no divan, para fumar, a esposa, cheia de carinhos, fez novas perguntas.

Roberto respondia não satisfatoriamente, como que abstracto, longe, muito longe.

De vez em quando elle franzia a testa e fitava a esposa, demoradamente.

Elle, talvez cansada de fallar, olhava-o com meiguice, como si perguntasse com os olhos:

—“Que fiz eu, meu amor?”

Roberto, indifferente, seguia as ondas azues do seu charuto.

Duas lagrimas escorreram pela face de Margarida.

E ella pensava:

—“Alguna intriga... quem sabe?...”

Ah! é impossivel!...

A Nacional

Fabrica de bonecos de papelão.

Imitação cellulóide

Concerta-se bonecos de cellulóide e biscuits

N MONTEIRO

R. 13 de Maio, 923—Sto. Amaro

Elle está amando outra mulher... Não creio!

Estará doente?...”

Margarida, de pensamento a pensamento, passou tempos esquecidos com os cotovellos fincados na mesa, cheia de duvidas e apprehensões.

Quando se dispôs a levantar, viu que o marido, no escriptorio, rabiscava uma lenda de papel.

E ella pensou mais:

—“Elle quer morrer... está sem coragem de se despedir de mim... aquellas palavras que escreve são a sua despedida, o seu ultimo adeus...”

Correu para o quarto de dormir e se ajoelhou diante do oratorio.

Roberto, de longe mirava-a, sorrindo tristemente.

Depois continuou a escrever.

A esposa, mais calma, porém abatida, deitou-se no largo leito, de onde podia observar todos os movimentos de Roberto.

Quando o relógio — despertador marcava 10 horas, Roberto vestiu o pyjama e foi para o quarto de dormir.

Margarida pediu mais uma vez:

—“Roberto, pelo amor de Deus... que houve?”

Elle continuou silencioso. Vendo improficuos todos os seus pedidos e supplicas, Margarida, saltando do leito, raivosa, bradou:

—“Si você não me disser, eu passarei toda a noite naquelle divan!... Até amanhã!...”

Do leito explodiu uma gargalhada estridente de Roberto.

—“Que graça!...”

Vou contar, meu amor! Eu quíz ver até quando eu poderia prolongar esta comédia!

Estou fazendo um estudo sobre psychologia feminina, e você, agora me esteve servindo para experiencia... Ah! está!...

E riu de novo.

—“Mão!...” disse Margarida, contente, muito contente...

—“Perdão... sim, meu amor?”

Fechou-se o cortinado...

Fim de todos os actos.

Cae o pano.

ARTUR AFONSO

Do que me contas, mano Pedro — disse Clara com sua voz suave de mulher bonita, — só não compreendo como Lili e tu, vivendo juntos desde a infância, só agora...

— São segredos bem nossos, muito nossos — interrompeu o irmão, com um sorriso mysterioso nos labios. A historia do meu noivado, Clara, bem se póde chamar a historia de dois beijos.

— Ah! E houve beijos?! — fez Clara, admirada. Conta-me tudo depressa, que eu já me vou a ralar com a Lili...

— Não lhe ralhes, mana. A minha Lili ainda está tão fraquinha... — fez o rapaz em um tom mais meigo.

— "A minha Lili" — falou a irmã no mesmo tom. Como já estás convencido! Pedro. Ainda hontem era simplesmente "a amiguinha de Clara" e agora já é "a minha Lili"...

Pedro sorriu, mostrando os dentes muito brancos, deslocados na moldura morena do rosto, e pôz-se a scismar.

— E então? — interrompeu Clara após um breve silencio. Conta-me a historia dos dois beijos.

— E' um segredo, Clara

Os dois beijos



— disse elle baixando a voz. Ella assentiu com a cabeça. Pedro pôz-se a fallar.

— Quando eu conheci a minha noivinha, não sabia ainda o que era o amor; ella tambem não o sabia e foi por isso, talvez, que vivemos juntos cinco annos na chácara da tia Alice, muito amiguinhos, muito unidos, sem suspeitar que nos amavamos.

— Um dia, mamãe pensou em mandar-me á Europa a estudar, a ser gente e, na vespera de sahir da chácara da tia Alice, á tardinha, a sós a um canto da yaranda, eu disse adeus a Lili.

— Estavamos recostados á balaustrada e eu via o rosto della que a lua alumiaava brandamente.

— Achei-a linda, maravilhosa e, não sei como foi, tomei-lhe as mãos e, meigamente, delicadamente, encosiei meus labios nos della.

— Estremecemos. Fugimos.

— Nessa noite, no silencio de nosso quarto, pela primeira vez nós comprehendemos o que era o amor e "le ma d'aimer".

— Depois, eu fui para Paris.

— A principio, a imagem de Lili vivia-me nos olhos como uma sombra eterna, eu só me sentia bem ao escrever-lhe longas cartas cheias de confidencias e sobre as quaes eu chorava como uma creança que era. Mas, passaram-se os tempos. Breve os encantos da "cidade-luz" encheram-me a alma, roubaram-me o coração.

— Já eu pouco tempo tinha para lembrar-me de Lili e da minha paixão. Ficou sem resposta a primeira carta, outra, mais outra... Vieram outros amores.

— Afinal voltei ao Brasil.

— Já nossa familia não vivia mais na chácara de tia Alice, já eu não veria mais todos os dias os olhos melancolicos da minha amiguinha d'outr'ora, já não ouvia mais a voz suave da minha Lili...

— Lili não era mais aquella menina alegre dos tempos de creança. A tia chamava-a nervosa. Vivia triste, chorava-a chorava ás vezes. Falsas queixas de tia Alice eu

OS VERDADEIROS

FUMANTES

Preferem sempre os cigarros

Mistura 2

— DA —

Fabrica Lafayette

Juntei as minhas por ver que ella já não parecia ter por mim a mesma amizade; era agora fria, esquiva, indifferente.

"Nunca procurei explicar-me á minha eterna namorada. Pensava q'ue ella decerto gostaria de outro, que me havia esquecido.

Deixei de ir á chácara. Não tornei a vê-la sinão raramente, quando ella vinha visitar-te.

Um dia, porém, ao chegar a cidade, soube que Lili soffrera um desastre, que estava moribunda.

"Corri para a chácara da Alice, para onde tu e mãe já tinheis ido.

"Fui chorando como uma criança. Pedia a Deus que ainda me deixasse vê-la viva.

"Penetrei á força no quarto.

"Lili lá estava sobre o leito, muito branca, com uma multidão de ataduras a prender-lhe os cabellos loiros.

"Todos choravam. Havia muita gente: médicos, enfermeiras.

"Ajoelhei-me junto o leito. Em vão quizeram arranjar-me dali para o jantar. Recusel-me.

"Sahiram todos.

"A um canto a enfermeira cortava com cuidado umas gases. O quarto estava quasi escuro.

"Olhei para Lili. Contemplei-lhe os olhos húmidos, as faces brancas, os labios descorados.

"Lembrei-me então da noite daquelle despedida e, como me parecesse vê-la partir novamente agora e para sempre, insensivelmente, irresistivelmente, coleí áquella bocca fria os meus labios em um longo beijo de amor e de saudade.

"A doentinha estremeceu ligeiramente, seu peito alteou-se um pouco e, em um sopro, ella murmurou o meu nome: Pedro!

"Puz-me a chorar de dôr pela saudade de perdê-la; de alegria porque só então eu percebia que Lili nunca deixara de amar-me. Si seus labios de mulher adivinharam o toque dos meus — destes labios que haviam, imprimido nelles o primeiro beijo de amor, é porque elles, sua alma, seu coração, toda ella me haviam pertencido sem-

pre e ainda eram meus, só meus".

Pedro calou-se um instante.

—O final, todos conhecem, proseguiu. Por um favor da Virgem, a minha Lili foi melhorando pouco a pouco e eu, na minha qualidade de doutorando, encontrei razões para lhe não sahir da cabeceira durante toda a longa convalescença. Cada hora era uma pagina de amor a se accrescentar ás outras e, no dia em que Lili poudo sahir á chácara pela primeira vez, eu lhe pedi que fosse minha esposa e ella, ainda pallida, e com as suas mãos presas nas minhas, disse-me que sim com a bocca, com os olhos, com a cabeça, com...

—Mas, então, caro Pedro — interrompeu Clara sorrindo maliciosa — és um mentiroso, pois teu romance era a historia de dois beijos e, com certeza...

—Ah! Isto é segredo! — disse Pedro, sorrindo tambem.

—E segredo de quem?

—Segredo das arvores da chácara e dos nossos labios.

Fernando Nascimento Silva.

PÓ DE ARROZ

LADY

"Beija-Flôr"-- Rio

E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO

À VENDA EM TODO O BRASIL

J. LOPES & C.^{IA}

Praça Tiradentes, 34, 36 e 38 — Rio

■ TORNEIO CHARADISTICO ■

Torneio de Natal

CHARADAS NOVISSIMAS

146) Em um recanto saudoso da chacara paterna, eu choro allucinadamente a perda de minha derradeira esperança. 2-1.

Mlle. Olinda.

(A' distincta collega Mlle. Olinda).

147) Na cidade de Olinda encontrei um homem incredulo. 2-1.

Carmelita.

148) Não avalias o amor, a amizade que tenho, sendo homem! 2-2.

Príncipe Negro.

149) Trepei-me na arvore e vi que a mulher caminhava para a cidade. 2-3.

Phebo.

150) A flor que nada vale serve de boia. 2-1.

Dr. Woronoff.

151) Dei vida ao pobre do doente levando-o para este povoado. 2-1.

Seu Bira.

152) Guarda que corre quem guarda. 4-2.

Marinetti.

153) Nenhum homem de juizo leva sua senhora a dança. 1-2.

Duque d'Aba.

154) Que valor tem a cabeça do homem que é rude? 2-1.

Rodolpho Valentino.

155) Numa canoa da largura de trinta centímetros, atravessei o canal. 3-1.

Dr. Werneck.

CHARADAS ELECTRICAS

156) Este homem, pela bravura que fez, merece a coroa triumphal. 2.

Phantasma da Opera.

157) O resgatador de captivos passou a emissario enviado para propôr a paz. 4.

Cravo-Rôxo.

CHARADA CASAL

158) Não conheço quem seja astuto, quando em estado de embriaguez. 4.

Marcellino Netto

CHARADAS ANTIGAS

159)

Todo cavallo pequeno — 2
Tem cauda bem volumosa — 1
Foi por isso que Sileno
Disse offensa Graciosa.

Guilô.

(Ao meu amigo particular Salvador Amorim).

160)

Fica o dito por não dito. — 2
Disse assim o Salvador,
Ficou frio Benedicto. — 2
Porque sou gracejador?

Néo-Rosas.

161)

Branco, preto, verde, rôxo,
Tudo tem minha primeira. — 1
Té as aguas crystallinas
Que correm pela ribeira. — 2.

E quando as aves ao longe — 2
Surgem, bando em revoada,
Faz, aqui, grande algazarra
Neste jogo a meninada.

Marinetti.

ENIGMAS

(Ao distincto charadista Rei Moura).

162)

Sou um rio caudaloso,
E animal sem destreza.
Sou tecido bem custoso
E ordem dinamarqueza.

Néo-Rosas.

(Ao distincto collega Raul Fateixa).

163)

Tem seis letras, meu Fateixa.

Bote logo na cachola,
Olhe, não faça bochecha,
Decifre, se tem escola:
E' bem facil meu total
Com duas ter quem quizer.
Conforme diz o Vital;
Que descobriu no engodo
Bom sapato de mulher.

Néo-Rosas.

LOGOGRYPHO

164)

Com gentil rapariga o Theodorico
[tonio 1-7-6-4
P'ra capella rumou seu casamento, 2-3-7-5-4
Convencido de que o Sacramento
[mento
Os poderes quebrava do de
[monio.

Obrigado, mais tarde, retirou-se
[rou-se
A' busca de recurso em longe Estado.
[ge Estado.
E não tendo em seis annos regressado.
[regressado.
A mulher, no civil, então casou-se. 7-1-4-3-7

Logo após elle volta satisfeito;
[feito:
E negocios tão bons havia
[feito.
Que uma somma trazia, regalar.

A consorte procura... em
[conclusão, 1-7-5-4-1-7
P'ras juras respeitar do co-
[ração, 4-5-2-3-7-5
Foram os tres residir no
[mesmo lar.

Mlle. Olinda.

CORRIGENDA

No numero passado, no Logogrypho n.º 145, de Marinetti, o ultimo algarismo da segunda pedra, é 11, e não 1, como sahi.

CORRESPONDENCIA

Recebemos de Rodolpho Valentino, Dr. Werneck, Mlle. Olinda e Dr. Woronoff.

RECADO

Jô-Jô — Dono, no Simões, não é papa; Donol, sim.

Na sua novissima Ossario, não sei como o collega pôde encaixar rio em Bomfim. Por mais que estudasse para ver se se tratava de um true charadistico, não pude descobrir. Foi mesmo pelo Simões?

Mande novos trabalhos.

Mlle. Olinda — Sua volta a esta secção é motivo de jubilo para todos. Alleluia! Alleluia!

Os mais lindos modelos de chapéus para
senhoras e creanças

V. Exc. encontrará na
A DEUSA DA MODA



**Casa que recebe tambem os mais
lindos tecidos para vestidos**

V. Exc. está pois-convidada para fazer uma visita

A Deusa da Moda

— 98 — RUA DO LIVRAMENTO — 102 —

GAZ CARBONICO

350 RS. POR M^3 !



ANTIGAMENTE 700 RS.,

Agora, metade do preço!

Este preço excep-
cional é concedido para **Fogões á
Gaz** quando o consumo exceder
á 100. m^3 mensal.

DEXAI-NOS COLLOCAR GRATUITAMENTE

Um Fogão á Gaz

E TRAZER FELICIDADE AO VOSSO LAR

SECÇÃO DO GAZ, P. T. & P. Co, Ltd., R. D'AURORA